

Revista Adventista

Revista Mensal - Ano 75 - Nº 804 - €1,90

Maio 2014



Graça, livre arbítrio e juízo

COMO **JACOBUS ARMINIUS** CONTRIBUIU PARA
O NOSSO ENTENDIMENTO SOBRE SALVAÇÃO



Quando a "marca da besta" era um *biochip!*

Afinal, o que é a marca da besta?

06



As bênçãos da Europa

A visita de Ellen White à Europa.

22



É Gênesis 3:15 uma profecia messiânica?

A primeira profecia sobre Cristo.

24

CONFERÊNCIAS PÚBLICAS

3-10 de MAIO de 2014

PARA ALÉM DA IMAGINAÇÃO

Na grandeza do Universo,
na beleza da vida,
na dádiva de um sentido...

... o Amor revela-Se.

ENVOLVA-SE neste projeto!

CONVIDE

a sua família,
os seus amigos
e conhecidos!



IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-Lo melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

editorial

VIDA CRISTÃ



15
O estilo de vida Adventista na vanguarda
Está comprovado cientificamente que os Adventistas do Sétimo Dia que praticam a reforma pró-saúde vivem mais anos, ficam menos vezes doentes e têm uma melhor qualidade de vida.

BÍBLIA



26
Um sopro poderoso
Não é surpreendente que o Espírito Santo surja nas Escrituras de modo menos proeminente do que Deus Pai ou Jesus Cristo.

ESPAÇO JUVENIL



35
O Dom do Céu

EDITORIAL

04 Graça, livre arbítrio e juízo

05 Memo

TEOLOGIA

06 Quando a "marca da besta" era um biochip!

O Apocalipse não prediz tecnologias futuras. Os seus interesses são teológicos, espirituais e morais.

ARTIGO DE FUNDO

10 Graça, livre arbítrio e juízo

As ideias de Arminius provaram ser fundamentais para alguns dos ensinamentos doutrinários básicos do Adventismo.

18 Notícias Internacionais

19 Notícias Nacionais

HERANÇA ADVENTISTA

20 Uma senhora determinada

Anna Knight foi uma heroína Adventista da reforma social, numa época em que poucos eram os que estavam envolvidos na reforma da sociedade.

ESPÍRITO DE PROFECIA

22 As bênçãos da Europa

A Europa foi o primeiro continente, fora da América do Norte, em que foi pregada a mensagem Adventista.

INTERPRETANDO AS ESCRITURAS

24 É Génesis 3:15 uma profecia messiânica?

Génesis 3:15 é a base de todas as profecias messiânicas, mesmo se a ideia messiânica só tenha sido plenamente desenvolvida em revelações posteriores.

DEVOCIONAL

28 Mais poderoso do que as ondas

O mundo desafia a nossa fé na sua versão da onda de 30 metros, à medida que vivemos no limite com Cristo.

IGREJA

30 Portugal está a envelhecer

Um projeto ao serviço dos Adventistas na terceira idade.



Graça, livre arbítrio e juízo

Graça, livre arbítrio e juízo deveriam ser pérolas de grande valor na vida dos Cristãos. “O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânimo para conosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se” (II Pedro 3:9).

Deus é amor e, por ser amor, quer que toda a Humanidade se salve. Não é da vontade de Deus que alguém perca a vida eterna, mas muitas pessoas optam por rejeitar o Seu convite, rejeitando assim a Salvação que Ele oferece (I Timóteo 2:4). A graça age de uma forma diferente. Apesar de ser nossa a decisão de a aceitarmos ou não na nossa vida pessoal, ela existe independentemente da nossa vontade. A graça é definida como o dom gracioso da Salvação que vem de Deus através de Cristo Jesus. Dom imerecido pelo homem, pois não podemos trabalhar para o ganhar. A Salvação, sempre e somente, procede de Deus e nunca do homem. A graça que vem de Deus tem como objetivo produzir no coração do homem a conversão. Capacita os homens a viverem justamente, a resistirem à tentação e a cumprirem a Lei de Deus.

Deus soberanamente deu e dá ao homem a liberdade de escolher, liberdade radicada na faculdade a que chamamos livre arbítrio: obedecer ou não obedecer. O livre arbítrio que cada ser humano possui é fundamental para entendermos a razão por que alguns, infelizmente, não alcançarão a vida eterna. O livre arbítrio é-nos dado para fazermos escolhas morais e não para nos colocarmos no lugar de Deus. O poder do livre arbítrio é-nos dado por Deus, mas o exercício da liberdade de escolha é da total responsabilidade de cada um.

Existem decisões que apenas Deus pode tomar. A verdade sobre o Juízo final de Deus é uma mensagem que é transversal a toda a Bí-

blia. “Importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo” (II Coríntios 5:10). Deus, o Criador de todo

o Universo, convocará toda a Humanidade para que cada ser humano preste contas de si mesmo. Ninguém pode evitar o Juízo, esconder-se ou fugir. As pessoas poderão negar ou negligenciar a realidade do Juízo, como uma tentativa de aliviar a sua consciência, mas o homem jamais o poderá evitar. “Com fogo e com a sua espada entrará o Senhor em juízo com toda a carne; e serão muitos os mortos da parte do Senhor” (Isaías 66:16). Mesmo Jesus, que tanto falou sobre o amor do Pai, também ensinou que o dia do Juízo viria. Ele afirmou: “Mas eu vos digo que, de toda a palavra ociosa que os homens disserem, hão de dar conta no dia do juízo” (Mateus 12:36). O mal não poderá existir para sempre, pois Deus deseja erradicá-lo da Sua Criação. “Temei a Deus e dai-lhe glória, pois chegou a hora do seu juízo. Adorem aquele que fez os céus, a terra, o mar e as fontes das águas” (Apocalipse 14:7).

Afinal, a graça, o livre arbítrio e o Juízo têm o mesmo objetivo: a salvação da Humanidade. Não temos poder para nos salvarmos a nós mesmos, por mais que nos esforcemos. A mensagem que os Adventistas devem anunciar ao mundo está centrada em Jesus. Porque Ele é Aquele que ressuscitou de entre os mortos para julgar o mundo. “Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele” (João 3:17). Se O aceitar como Salvador e Senhor, creia que Ele virá em breve para fazer justiça e, através da Sua graça, alcançará a Sua misericórdia e viverá para sempre. †

· **Pr. António Rodrigues**, presidente da UPASD

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

maio

03 a 10	Campanhas de Evangelização Locais
24	Assembleia Espiritual
26-29	Curso de Iniciação à Colportagem
30-01/06	Encontro da Amizade

junho

01 a 07	Campanha Nacional da ADRA
08 a 13	Formação para Pastores
14	Dia dos Ministérios da Mulher
21	Festival do Hino
23 a 25	Lançamento do Kit de Aconselhamento para o Casal
29/06 a 31/07	Colportagem Jovem

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

maio

05-09	Casa Publicadora Safeliz (EUD)
12-16	Universidade Adventista de França (EUD)
19-23	Associação da Hansa (NGU)
26-30	Seminário Teológico de Sagunto (SpU)

junho

02-06	Associação da Suíça Franco-Italiana (SU)
09-13	Universidade Adventista de Friedensau (EUD)
16-20	União Espanhola (SpU)
23-27	Associação da Transilvânia do Norte
30/06-04/07	Associação do Norte de França (FBU)

ANTENA 1 RTP2

FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 15h30
ANTENA 1, a partir das 22h47

- 15/05 (quinta-feira)
- 19/05 (segunda-feira)
- 16/06 (segunda-feira)

CAMINHOS

RTP2, às 11h
ANTENA 1, a partir das 06h

- 11/05 (domingo)
- 22/06 (domingo)

TEOLOGIA DO REMANESCENTE

de Ángel Manuel Rodríguez

A Igreja Adventista do Sétimo Dia considera ser, desde a sua origem, a Igreja Remanescente referida em Apocalipse 12:17. Esta perspetiva eclesiológica Adventista tem-lhe valido algumas críticas por parte de outros Cristãos. Estes consideram que o conceito de “Remanescente”, tal como é utilizado pela Igreja Adventista, é exclusivista e elitista. De facto, estes Cristãos creem que, ao identificar-se com o Remanescente, a Igreja Adventista está a afirmar que apenas os seus membros são verdadeiros Cristãos



e que apenas eles alcançarão a Salvação. Na verdade, esta interpretação evangélica do uso que a Igreja Adventista faz do conceito “Remanescente” é completamente errada. O livro de que Ángel Manuel Rodríguez é o editor vem esclarecer a fundo o conceito de “Remanescente” e vem também construir sobre ele uma eclesiologia – isto é, uma doutrina da Igreja – verdadeiramente Adventista. Sendo uma edição do Instituto de Pesquisa Bíblica da Conferência Geral, este livro é constituído por 11 capítulos e um apêndice, escritos por destacados teólogos Adventistas. O objetivo desta obra é explorar o conceito de Remanescente e perceber qual o contributo que pode dar a uma teologia Adventista sobre a natureza da Igreja. O livro começa com o estudo do conceito de Remanescente no Antigo Testamento. Depois seguem-se artigos sobre o conceito de Remanescente na literatura judaica não canónica, nos Evangelhos e em Paulo. Há também quatro artigos sobre o modo como o Remanescente é concebido no Apocalipse. Finalmente, discute-se o conceito de Remanescente na teologia Adventista contemporânea e nos escritos de Ellen White. Há ainda um anexo que explora o uso da expressão “Testemunho de Jesus” nos escritos de Ellen White. É difícil exagerar a importância que este livro tem para a autocompreensão teológica da Igreja Adventista do Sétimo Dia. O contributo dado pelos autores que participaram nesta obra é decisivo. A qualidade teológica dos textos que a compõem é indesmentível. Assim, se o prezado Leitor deseja aprofundar as razões teológicas que fazem da Igreja Adventista do Sétimo Dia a Igreja Remanescente, não pode deixar de adquirir esta obra. As suas 253 páginas valem, sem dúvida, o investimento. ✨

Paulo Lima, Redator da Revista Adventista

Quando a "marca da besta" era um biochip!

O APOCALIPSE NÃO PREDIZ TECNOLOGIAS FUTURAS.
OS SEUS INTERESSES SÃO TEOLÓGICOS, ESPIRITUAIS E MORAIS.

Há já alguns anos recebi um *email* com um aviso de que a aplicação da “marca da besta” estava iminente. A mensagem explicava que uma empresa que desenvolve a moderna tecnologia dos cartões eletrónicos, em concertação com uma empresa de telecomunicações móveis, estava a fabricar *biochips* para serem colocados na nossa mão direita e na testa. O *email* apresentava outras afirmações assustadoras. Tal como é costume nos *emails* sensacionalistas, existe sempre o pedido manipulador no fim, pressionando o leitor para reenviá-lo a todas as pessoas que conhece. Havia apenas um problema: o *email* era um embuste.¹ Infelizmente, muitas pessoas crédulas reenviaram-no para os seus familiares e amigos.

Uma perspetiva Adventista

Este episódio deveria reforçar em nós a importância de clarificarmos a verdade acerca da controversa questão sobre a marca da besta. Muitos Cristãos acreditam, de facto, que a marca da besta é alguma forma de tecnologia que será utilizada para controlar a vida económica dos cidadãos da Terra no fim do tempo.

Os Adventistas do Sétimo Dia, claro está, têm oferecido uma explicação muito diferente. A nossa explicação não se focaliza em tec-

nologias, vendo isso como periférico ou, mesmo, potencialmente irrelevante. O livro de Apocalipse não prediz tecnologias futuras. Os seus interesses são teológicos, espirituais e morais, servindo-se ele da narrativa bíblica, em toda a sua amplitude, para desenvolver o seu conceito de “marca da besta”. A compreensão Adventista procura construir sobre o reconhecimento deste facto.

Qual é a perspetiva Adventista? Primeiro, devemos notar que esta explicação permanece controver-

sa e, frequentemente, mal compreendida. Cremos que, no fim do tempo, o mundo inteiro terá de escolher entre obedecer a Deus e receber o selo de Deus ou desobedecer a Deus e receber a marca da besta. O selo de Deus é compreendido como incluindo a guarda do sábado no sétimo dia; em contraste, a marca da besta é considerada como sendo a rejeição do Sábado em troca de uma alternativa feita pelo homem.² Numa compreensão Adventista saudável, o selo de Deus é muito mais do que apenas a guarda do Sábado.

Ver por que razão isto é controverso é fácil. Esta tese é frequentemente mal percebida, porque alguns pensam que ela é uma afirmação sobre o presente. No entanto, não acreditamos que a marca exista presentemente, e ela não existirá até que os eventos finais de Apocalipse 13 ocorram. Não cremos, de facto, que a observância do domingo *por si mesma* identifica a marca da besta (embora, infelizmente, alguns Adventistas não percebam corretamente este aspeto da questão). A marca implica muito mais do que apenas

isto, e ela restringe-se a um curto período de tempo, que ocorre imediatamente antes da Segunda Vinda. Para nós, a *presente* guarda do domingo é apenas uma tradição de feitura humana. Ela irá tornar-se escatologicamente parte da “marca”, mas não até que se materializem todos os eventos retratados no Apocalipse.

As razões

Que provas existem para sustentar a perspectiva Adventista? Nós desenvolvemos diversas explicações para a nossa crença sobre a marca da besta. Estas explicações provaram ser valiosas, mas estudos mais recentes ajudaram a construir uma tese mais forte. Alguns argumentos usados são exteriores ao livro de Apocalipse, mas ainda são úteis.

Por exemplo, alguns autores Adventistas explicam que o selo de Deus e a marca da besta são opostos. Portanto, se pudermos descobrir o que é o selo, poderemos descobrir a identidade da marca. Isto é claro e incontroverso. O típico evangelista Adventista pode explicar que um selo tem três componentes necessárias: o nome, o título e o território do governante. Ele passa, então, a mostrar que o mandamento do Sábado preenche estes critérios,

ao mencionar *Iahweh* (nome) como Deus e Criador (título) dos Céus e da Terra. Esta é uma linha razoável de demonstração da nossa tese, embora exterior a Apocalipse 13.

Uma outra prova mais forte faz notar que a imagem de uma marca colocada na testa e na mão é retirada dos versículos que falam acerca dos mandamentos serem colocados na testa e na mão (Deut. 6:6-8; Heb. 10:16; Prov. 7:2 e 3). Isto sugere fortemente que a marca da besta é o oposto dos mandamentos de Deus (incluindo o mandamento do Sábado). Assim, construiu-se cumulativamente uma argumentação para sustentar a nossa tese, mas muita dessa argumentação é indireta e exterior.

Assim, tudo isto é bom e convincente, pelo menos até certo ponto. Mas, há algo mais?

Uma perspectiva mais profunda

Existem mais provas colaborantes, no interior de Apocalipse 13, que apoiem a posição Adventista e identifiquem a marca da besta? Em termos sucintos, a resposta é: Sim.

Eis um exemplo, tirado de um dos artigos de Jon Paulien: A resposta de Deus à besta é chamar as pessoas para O adorarem como Criador. A adoração é uma questão central no Apocalipse (veja Apoc.

13:4, 8, 15; 14:9-11) e o apelo de Deus à adoração alude diretamente ao mandamento do Sábado (Apoc. 14:7).³ A adoração de Deus baseada no Sábado é o oposto da adoração da besta. Isto complementa outro ponto importante, há muito notado pelos Adventistas, que é a identificação do povo de Deus como aqueles que “guardam os mandamentos de Deus” (Apoc. 12:17; 14:12).

Que mandamentos são estes? Os Dez Mandamentos, é óbvio. Existe uma focalização especial sobre os primeiros quatro mandamentos, que lidam com a adoração e a obediência a Deus.⁴ A partir daqui um argumento claro e consistente começa a emergir.

Tome-se, por exemplo, a tentativa da besta de forçar o mundo a adorar uma “imagem da besta” (Apoc. 13:15). Isto é uma clara violação do segundo mandamento, que proíbe a modelação e a adoração de imagens. Alguns eruditos notaram que mais do que um dos primeiros quatro mandamentos são atacados ou infringidos pelo dragão e pelas bestas.⁵ De facto, podemos ver que todos os primeiros quatro mandamentos são, deliberada e consistentemente, atacados por estas entidades.⁶ A consistência dos ataques aos mandamentos





sugere que não é possível compreender a marca da besta a não ser que a marca seja compreendida à luz das ações antinomistas da besta. Devemos esperar que a marca se oponha, substitua, quebre ou falsifique um dos mandamentos. Quando examinamos a marca da besta mais de perto, descobrimos que ela é, de facto, uma paródia do Sábado. Ajuda-nos pensarmos na marca da besta como um *anti-Sábado*. O quadro anexo ilustra o paralelo existente entre Êxodo 20 e Apocalipse 13 e destaca a importância dos mandamentos e do Sábado.⁷

Neste quadro vemos que todo o mundo é conduzido para uma final e universal rebelião contra Deus. Todos os mandamentos que dizem respeito ao nosso amor por Deus e à nossa adoração de Deus são atacados, falsificados ou substituídos.

O clímax é o ataque ao Sábado. A marca da besta e o Sábado expressam realidades totalmente diferentes. Enquanto o Sábado nos foca no verdadeiro Deus Criador, a marca leva-nos a obedecer a deuses falsos. O Sábado provê às pessoas liberdade económica e repouso; a marca é imposta por sanções económicas e opressão. Tanto a marca como o

mandamento do Sábado são universais na sua extensão. Ao contrário do Sábado, que nos chama a lembrarmos-nos de Deus e a honrarmos o nosso fiel Criador Redentor, a marca exalta a autoridade da criatura. O Sábado e a marca da besta são sinais que revelam o verdadeiro carácter dos seus autores.

666

O nosso estudo também nos pode ajudar a compreender a ligação íntima entre a marca, o nome e o misterioso número da besta (666). O texto de Apocalipse diz: “Para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal ou o nome da besta ou o número do seu nome. Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, porque é o número de um homem, e o seu número é seiscentos e sessenta e seis” (Apoc. 13:17 e 18). O apelo ao cálculo, usando sabedoria e entendimento, encoraja-nos a olharmos para o número seis escriturística e teologicamente, em vez de matemática ou numericamente. Precisamos de examinar o significado do número a partir do seu lugar na narrativa escriturística.

O número da besta, 666, é definido como sendo o número da Humanidade. Não é o número de Deus. Qual é o número de Deus – e, por extensão, a Sua marca ou o Seu selo? O nosso estudo sugere que o Sábado é a marca de Deus, levando o Seu nome (*Iahweh* nosso Deus) e o Seu número (sétimo dia).⁹ É interessante que as raízes simbólicas dos números, tanto da marca da besta (666), como do Sábado (sétimo dia), partilham os mesmos antecedentes bíblicos. Em Génesis 1, a Humanidade foi criada no sexto dia. Na Criação, o “6” é o número da Humanidade. Mas, no Génesis, a Criação não estava completa até chegar o sétimo dia, quando o próprio Deus descansou nele, o abençoou e o santificou. Na Criação, então, “7” é o número de Deus e do Seu Sábado.¹⁰

O que significa isto? O número 666 aparenta apontar para uma recusa humana final de adorar e reconhecer o Criador e o Seu sinal memorial – o Sábado. A Humanidade não apenas se recusa a adorar o Criador, como também institui uma marca alternativa – um *anti-Sábado*. Génesis mostra-nos que estamos completos apenas quando ligados ao nosso Criador.



O objetivo da Criação é que Deus esteja conosco e que nós estejamos com Deus. Isto é o Sábado. O Sábado mostra que encontramos significado e completude apenas no nosso Deus Criador.¹¹ O Sábado aponta para além dele mesmo, aponta para Deus. A crise final não é relativa apenas à obediência humana, mas é relativa a uma revelação do caráter de Deus em comparação com o caráter do dragão e da besta.

Conclusão

A marca da besta não tem a ver com *biochips*, tem a ver com relacionamento, fé, amor e obediência. Alguém poderia amarrá-lo e tatuar “666” na sua testa ou poderia inserir um *biochip* na sua mão direita, mas nenhum desses atos significaria que você tivesse a marca da besta. A questão não é acerca de tecnologia ou marcas literais no nosso corpo. A questão real é acerca da adoração, da entrega do coração, da mente e do corpo, e tudo isto entregue a Deus. A questão real é acerca de Quem Deus é e de como Ele é. ✦

• Anthony Macpherson
Pastor

OS ANTIMANDAMENTOS DA BESTA E OS MANDAMENTOS DE DEUS CONTRASTADOS	
APOCALIPSE 13 OS ANTI-MANDAMENTOS	ÊXODO 20 OS MANDAMENTOS DE DEUS
13:4 “E adoraram o dragão.. e adoraram a besta...”	20:3 “Não terás outros deuses diante de mim.”
13:15 “E foi-lhe concedido que desse espírito à imagem da besta , para que também a imagem da besta falasse, e fizesse que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta.”	20:4-6 “Não farás para ti imagem de escultura... não te encurvarás a elas, nem as servirás.”
13:1, 6 (v. 1) “E em cada cabeça um nome de blasfêmia...” (v. 6) “E abriu a sua boca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar do Seu nome...”	20:7 “Não tomarás o nome do Senhor teu Deus, em vão...”
13:16 e 17 – A marca da besta (anti-Sábado)	20:8-11 – O Sábado do Senhor
O nome e o número da besta (v. 17) “o... sinal, ou o nome da besta ou o número do seu nome.”	O nome e o número de Deus (v. 10) “Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus...”
Regulação do trabalho e opressão económica (v. 17) “Ninguém podia comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal...”	Regulação do trabalho e proteção económica (vv. 9 e 10) “Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra, mas ... no sábado... não farás nenhuma obra.”
Extensão universal (v. 16) “E faz que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, lhes seja posto um sinal...”	Extensão universal (v. 10) “Não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro, que está dentro das tuas portas.”

1. Veja www.snopes.com/politics/business/mondex.asp.
2. O selo de Deus no Apocalipse não é idêntico ao selo do Espírito Santo descrito por Paulo em Efésios 1:13; 4:30. O selo do Espírito ocorre no momento da conversão e mantém-se por toda a vida. O selo de Deus no Apocalipse é um selo escatológico para uma situação específica do fim do tempo. As imagens do selo de Deus/marca da besta não são retiradas de Efésios, mas de fontes do Velho Testamento, como Ezequiel 9:4. Em Ezequiel, imediatamente antes do juízo sobre Jerusalém, Deus marca os fiéis na fronte (comparar Apoc. 7:1-3; 14:1-5).
3. Veja Jon Paulien, “Revisiting the Sabbath in the Book of Revelation”, *Journal of the Adventist Theological Society*, vol. 9/1, 2, 1998, pp. 179-186.
4. Mesmo as cenas introdutórias e terminais da visão dos capítulos 12-14 colocam em evidência os Dez Mandamentos (veja as referências à “arca da aliança” e ao “tabernáculo do testemunho” em Apoc. 11:19; 15:5).
5. Para exemplos, veja-se Anthony MacPherson, “The Mark of the Beast as a “Sign Commandment” and “Anti-Sabbath” in the Worship Crisis of Revelation 12-14”, *Andrews University Seminary Studies*, 43, vol. 2, pp. 267-283, 2005.
6. Ranko Stefanovic, na página 415 do seu comentário *Revelation of Jesus Christ*, Berrien Springs: Andrews University Press, 2002, conclui que as atividades da besta

que subiu do mar são ataques bem planeados contra os primeiros quatro mandamentos do Decálogo.

7. Este quadro é adaptado do meu artigo do AUSS, MacPherson, p. 277.
8. “Não trabalhar” no Sábado em Êxodo é explicado como não “comprar ou vender” em Neemias 10:31; 13:15-22. O Sábado tem o mesmo significado que a marca da besta. A marca é para se adorar a besta, enquanto o Sábado é para adorarmos o verdadeiro Deus.
9. *The Treaty of the Great King – The Covenant Structure of Deuteronomy: Studies and Commentary*, Grand Rapids: Eerdmans, 1963, pp. 18 e 19. Estudos sobre as alianças do antigo Médio Oriente sugerem que o Sábado é a marca ou o selo de Deus dentro dos Dez Mandamentos. Meredith Kline escreve: “Como mais um detalhe no paralelismo de aparências externas [entre tratados de suserania e o Decálogo] é tentador ver no sinal do Sábado, presente no meio das dez palavras, o equivalente do selo dinástico do suserano encontrado no meio do reverso do documento de um tratado internacional. Dado que, no caso do Decálogo, o suserano é *Yahweh*, não há representação d’Ele no Seu selo, mas o Sábado é declarado ser o “sinal da aliança” (Êxo. 31:13-17). Através da sua guarda do sábado, o portador da imagem de Deus reflete em imagem o padrão daquele ato divino de criação que proclama a absoluta soberania de Deus sobre o homem e, através dele, ele prome-

te a sua consagração em aliança ao seu Criador. O Criador estampou na história do mundo o sinal do Sábado como Seu selo de posse e de autoridade. É precisamente isso que as imagens dos selos dinásticos simbolizam e que a sua legenda reclama em favor dos deuses do tratado e do seu representante, o suserano”.

10. Podemos também notar que é apenas na marca da besta e no Sábado que nos parece haver uma convergência de marca (selo/sinal), nome e número.
11. Isto é tão verdade da Salvação como o é da Criação. Tal como a Humanidade recusa o amor e autoridade do Criador, também recusa a graça e a misericórdia do Salvador. As pessoas procuram estabelecer uma religião de tradições humanas e de obras de sua própria feitura. Em contraste, o Sábado é um memorial da obra salvadora e santificadora de Deus. Assim como só encontramos vida no Criador, também encontramos perdão, graça e repouso espiritual apenas no nosso Salvador. Uma marca identificativa do povo de Deus será o facto de que eles confiam na Sua graça e misericórdia e submetem-se à Sua autoridade e aos Seus mandamentos. O outro lado desta realidade (e o lado mais importante) é que o verdadeiro Deus é um Deus salvador e cheio de graça, que providencia repouso físico e espiritual para a Sua Criação.

Graça, livre arb

O nome Jacobus Arminius (1560-1609) e os termos Arminiano e Arminianismo nem sempre têm sido facilmente reconhecidos pelos Adventistas do Sétimo Dia. Na verdade, muitos têm inicialmente confundido estes termos quer com a designação do povo Arménio e da sua forma de Cristianismo Ortodoxo, quer com a designação da seita fundada pelo grande herético antitrinitariano Arius. Mas, apesar da obscuridade e das confusões relacionadas com estes termos, Arminius e o Arminianismo desempenharam um papel muito importante como parte da herança Protestante da Teologia Adventista.

É interessante – é até mesmo algo inesperado – descobrir que Arminius e o Arminianismo não foram sequer mencionados por Ellen White no seu livro *O Grande Conflito* (ou em qualquer outra parte dos seus escritos). No entanto, uma tal omissão deve-se, provavelmente, ao facto de a maior parte das suas importantes ideias terem sido transmitidas a Ellen White e ao Adventismo através da influência de John Wesley (1703-1791).¹ Seja como for, as ideias de Arminius provaram ser fundamentais para alguns dos ensinamentos doutrinários básicos do Adventismo. Mas, antes de vermos algumas destas importantes ideias, precisamos de conhecer mais acerca de Jacobus Arminius e dos seus discípulos Arminianos.

Esboço biográfico

Jacobus Arminius nasceu em Oudewater, perto de Utrecht, nos Países Baixos.² A sua família de classe média foi devastada durante a infância de Jacobus pela morte do seu pai. Esta tragédia foi agravada pela morte da sua mãe e dos seus irmãos durante o massacre de Oudewater, realizado pelos Espanhóis, em 1575. O jovem Arminius foi posteriormente criado por amigos da família, que se certificaram de que ele recebesse uma boa educação universitária.

O processo da sua educação universitária começou em Marburgo, Alemanha, em 1575, e continuou na Universidade de Leiden, na Holanda, de 1576 até 1581. Os seus talentos como estudante captaram a atenção de um certo número de mercadores abastados de Ames-

terdão, que patrocinaram os seus subsequentes estudos teológicos. Este período prolongado começou no dia de Ano Novo de 1582, na Academia de Genebra de João Calvino, e continuou até 1586, com uma interrupção para mais estudos em Basileia (1582-1583). O ponto alto da sua formação teológica foi poder ter estudado sob a orientação do famoso académico Teodoro Beza (1519-1605).

Beza tinha-se tornado no sucessor de Calvino em Genebra, especialmente no seu papel de destacado professor de Teologia na famosa Academia (hoje, Universidade de Genebra). Durante os estudos de Arminius em Genebra, Beza (que então contava 62 anos) era já muito respeitado entre os crentes Reformados/Calvinistas de toda a Europa. Beza era um firme Calvinista conservador e assumira a posição mais extrema na doutrina da predestinação irresistível. Estas ideias revelaram-se cruciais no desenvolvimento teológico posterior de Arminius e nos subsequentes desenvolvimentos no Calvinismo e no Protestantismo.

Após uma breve viagem de estudo a Itália em 1587 (incluindo uma visita à Universidade de Pádua), Arminius regressou a Amesterdão, nos Países Baixos, para começar a sua longa carreira como pastor e académico. Após a sua ordenação como pastor da influente “Igreja Velha” (o centro da vida da Igreja

Arminius e a Igreja

Arminius e a Igreja

Reformada em Amsterdão), Arminius serviu essa congregação com grande fidelidade e distinção até 1603. Em 1590, ele casou-se com Lijbet Reael, uma filha destacada da aristocracia de Amsterdão, garantindo assim a sua estabilidade financeira e o apoio persistente dos mercadores mais destacados e dos líderes da cidade.

Em 1603, foi nomeado professor de Teologia na sua *alma mater*, a Universidade de Leiden. Esta foi a mais crucial nomeação da sua carreira, a qual viria a terminar com a sua morte prematura em 1609. Estes seis anos finais da sua carreira incluíram a sua eleição como reitor da Universidade, o desenvolvimento da sua obra como pastor e a publicação do seu trabalho teológico mais maduro no livro *Declaração de Sentimentos*.³

Os acontecimentos mais memoráveis da sua carreira como professor foram as “controvérsias teológicas” (formalmente designadas como “disputas”) com o professor de Teologia Franciscus Gomarus (1563-1641), seu colega na Universidade. Estes debates controversos, e até amargos, forneceriam o cenário para as contribuições mais duradouras de Arminius para os subsequentes desenvolvimentos no Protestantismo Europeu, Norte-Americano e mundial. Mas, antes de nos virarmos para uma compreensão destes desenvolvimentos decisivos, precisamos de rever brevemente a histó-



ria prévia do Protestantismo e perceber o modo como as perspectivas de Arminius se encaixariam nesta herança em desenvolvimento.

O contexto histórico

Embora as ideias de Arminius viessem a causar uma divisão na

tradição Reformada ou Calvinista, ele sempre pretendeu (e justamente) ser um Calvinista na sua Teologia fundamental e no seu ministério eclesiástico. No entanto, a principal diferença de Arminius centrar-se-ia na sua controversa explicação da predestinação e das

Deus bate persistentemente à porta do coração, ma

suas implicações para outras doutrinas com ela relacionadas. É interessante notar que todos os anteriores Reformadores Protestantes mais destacados da Reforma Europeia do século dezasseis tinham adotado a ideia de Agostinho de Hipona sobre a “dupla predestinação” irresistível.⁴ Lutero, Zwinglio, Calvino, Bucer e Bullinger tinham sustentado a ideia de que cada ser humano estava predestinado ou para a perdição eterna ou para a salvação eterna pela irresistível e inescrutável sabedoria de Deus. Além disso, não havia nada que uma pessoa pudesse fazer para alterar esta situação (exceto clamar que estava disposta a ser ou salva ou perdida, tudo para a glória de Deus).

Praticamente a única grande exceção a este consenso antes de Arminius era o discípulo e sucessor de Lutero, Philipp Melancthon (1497-1560). Mas, embora o desacordo de Melancthon tivesse criado relativamente pouca controvérsia entre os Luteranos, as ideias de Arminius iriam criar um tumulto que mudaria para sempre a direção teológica do Protestantismo posterior, especialmente na Grã-Bretanha e na América do Norte.

Arminius e os “Remonstrantes” Arminianos

Os temas teológicos essenciais de Arminius tinham todos implicações importantes para a doutrina e para a experiência da Salvação.⁵ Como já mencionámos, a doutrina-chave questionada que abriu o caminho para o que, hoje, nós chamamos Arminianismo doutrinal foi a doutrina Agostiniana/Calvinista da eleição irresistível através da dupla

e absoluta predestinação. Contra os Calvinistas conservadores, Arminius ensinava que a predestinação é “baseada na presciência divina sobre o uso que os homens farão dos meios de graça.”⁶ Estreitamente relacionada com a predestinação absoluta no pensamento Calvinista conservador era a doutrina da “expição limitada”, o conceito de que, uma vez que apenas os “eleitos” seriam irresistivelmente salvos, Cristo tinha morrido apenas pelos “eleitos”. Contra esta ideia restritiva, Arminius “afirmou que Ele [Cristo] morreu por todos, embora ninguém tenha recebido os benefícios da Sua morte a não ser os crentes”.⁷ Além disso, Arminius e os seus seguidores opuseram-se à “doutrina Calvinista da graça irresistível” e “ensinaram que a graça podia ser rejeitada”.⁸ E, finalmente, Arminius e os seus discípulos “declararam ter alguma incerteza em relação ao ensino Calvinista sobre a perseverança, sustentando ser possível que os homens possam perder a graça previamente recebida”.⁹ Por outras palavras, a tese “uma vez salvo, salvo para sempre” foi questionada pela grande maioria dos Arminianos.

Após a morte de Arminius, em 1609, 41 dos seus mais leais seguidores redigiram uma profissão de fé, em 1610, designada como a “Remonstrância” (palavra de origem latina que significa “protesto forte”). Foi por causa deste título que o grupo que estaria na génese do partido Arminiano no Protestantismo recebeu o nome de “Remonstrantes”. A publicação deste documento desencadearia uma série muito complicada de forças re-

ligiosas, políticas e sociais que levariam à convocação do Sínodo de Dort (Dordrecht, na Holanda) no final de 1618 e no início de 1619.

O Sínodo de Dort foi importante por várias razões, uma das quais foi o facto de ter sido a primeira reunião formal internacional de Calvinistas, com representações vindas não apenas da Holanda, mas também da Alemanha, da Suíça, da França e da Grã-Bretanha. Por causa da superioridade política dos Calvinistas conservadores, não surpreende que os Arminianos Remonstrantes tenham sido redondamente derrotados, tendo-se seguido perseguições terríveis, incluindo a execução de alguns líderes Remonstrantes e o exílio forçado da maioria dos restantes.

Mas, para as gerações subsequentes tanto de Calvinistas como de Arminianos, as deliberações do Sínodo de Dort ajudaram a clarifi-



Ele nunca força a entrada dessa porta sagrada!

car plenamente as ideias-chave em conflito e as suas respectivas posições já delineadas por nós neste artigo. Os Arminianos rejeitaram claramente cinco pontos-chave da doutrina dos Calvinistas. Estes responderam com a reafirmação da total depravação da liberdade humana, da predestinação incondicional, da expiação limitada, da graça irresistível e da perseverança da Salvação.

Como tudo isto afetou a posterior Teologia Protestante

Enquanto as ideias básicas do Arminianismo representavam o consenso da Igreja dos primeiros quatro séculos do Cristianismo, elas marcavam um claro afastamento do Calvinismo conservador inspirado no pensamento de Agostinho de Hipona. Mas as influências moldantes do Arminianismo encontraram o seu solo mais fértil

no Anglicanismo Evangélico e no que ficou conhecido – por causa dos seus líderes mais famosos, John e Charles Wesley – como Arminianismo Wesleyano ou “Arminianismo em brasa”.¹⁰ Foi esta forma de Arminianismo evangélico “do coração” que viria a influenciar o revivalismo do século XIX, de onde emergiu o Adventismo do Sétimo Dia.

A importância de Arminius para o Adventismo

A mão cheia de conceitos-chave do Arminianismo foi implicitamente, se não mesmo explicitamente, abraçada pela vasta maioria dos Adventistas do Sétimo Dia com preocupações teológicas. A nossa compreensão da Salvação ressoa fortemente com a ideia de liberdade humana que resulta das graciosas iniciativas criativas e recriativas de Deus. Sendo influenciados por Ellen White, uma antiga Metodista francamente Wesleyana, nós abraçamos a graça conversora, que provém da iniciativa soberana e salvífica de Deus. Mas a graça sempre se desenvolve de modo persuasivo, não de modo coercivo. Deus bate persistentemente à porta do coração, mas Ele nunca força a entrada dessa porta sagrada! Nós temos afirmado a doutrina da depravação e da corrupção humanas, mas temos também, geralmente, sustentado que existe verdadeira liberdade no “livre arbítrio” humano concedido pela graça de Deus.¹¹

Além do mais, sempre suspeitamos da doutrina da perseverança irresistível, ou seja, da tese “uma vez salvo, salvo para sempre”. Tais noções parecem constituir uma

avenida pronta para atitudes do tipo “graça barata”, que levam a pecados de presunção e a atitudes de descarte da santa Lei de Deus.

Mas, a um nível mais elementar, embora possivelmente também mais subtil, provavelmente não haveria uma doutrina Adventista do Juízo (especialmente a doutrina do juízo investigativo pré-Advento), se não houvesse uma doutrina da graça livre e da correspondente geração de vontades livres. De facto, uma das mais fortes razões que levaram o Arminianismo a rejeitar a doutrina da eleição irresistível ou da predestinação determinista foi a consequência lógica de que este ensino fazia de Deus o autor do pecado! Assim, no centro desta forte e negativa reação à doutrina da eleição irresistível estava o desejo de justificar o Deus da graça amorosa.

Toda esta noção Arminiana (ou mesmo, bíblica) da livre graça parece conduzir, implicitamente, a uma forte ênfase sobre a graça apelante, convincente, conversora, justificadora e santificadora, cujos frutos serão plenamente exibidos nos juízos finais públicos de Deus. Portanto, será esta exibição do probatório “fruto” da fé que contribuirá persuasivamente para a justificação final do modo como Deus lidou com o pecado e com os pecadores através do Seu juízo investigativo. Para o dizermos de modo muito simples: Se não houver “graça livre” e os seus correspondentes arbítrios livres, não pode haver o “tema do Grande Conflito” que justifica Deus na Teologia Adventista do Sétimo Dia!

Talvez a questão pudesse ser reformulada retoricamente: Por que razão haveria um questionamento





entre os nossos mais chegados antepassados Protestantes e Adventistas, desperte a curiosidade espiritual e teológica do Leitor. Sem a influência da vida e do pensamento deste fiel e judicioso servo de Deus, a nossa doutrina e a nossa experiência da Salvação seriam grandemente empobrecidas e o amor de Deus livremente concedido (incluindo a doutrina dos juízos de Deus, frequentemente incompreendida) seria muitíssimo desvalorizado. ♣

• **Woodrow W. Whidden II**
Professor de Teologia

das decisões judiciais de Deus, se todas as Suas decisões salvíficas já teriam sido pré-determinadas? Assim, o que quer que sugerisse um juízo público, este seria simplesmente um processo de revelação das inexplicadas, imperscrutáveis e irresistíveis decisões pré-determinadas dos decretos de Salvação e perdição emitidos por Deus. Simplesmente parece não haver muito dramatismo ou apelo neste cenário pré-determinístico. Porque Se daria Deus ao trabalho de realizar um tal juízo?

Bom conselho

E, finalmente, com a introdução de uma forte doutrina sobre a santificação ou sobre a graça transformadora, que emana do Arminianismo – especialmente dos Wesleyanos e dos Adventistas do Sétimo Dia –, não deveria ser surpreendente que até mesmo o próprio “pai” Arminius tenha sido levado a ponderar as questões da segurança pessoal da Salvação e a da perfeição cristã. A sua sabedoria sensível convida-nos a ler com atenção e a responder meditadamente:

“Mas, embora eu nunca tenha afirmado que um crente pode guar-

dar perfeitamente os preceitos de Cristo nesta vida, nunca o neguei, mas sempre deixei esta questão como algo que ainda restava decidir.” Assim, embora não estivesse preocupado com a perfeição, ele ofereceu alguns conselhos sábios acerca das aparentes disputas intermináveis sobre a questão da perfeição que deveriam encontrar acolhimento nos Adventistas do Sétimo Dia, Arminianos de coração:

“Eu penso que o tempo pode ser empregado de forma muito mais alegre e útil em oração para se obter o que falta a cada um de nós e em admoestações sérias para que todos se esforcem para avançar para o alvo da perfeição, do que gastá-lo em tais disputas.”¹² Poderia esta sabedoria prática ser justificada na vida dos descendentes intelectuais de Arminius, levando-a eles a peito? Eu espero fervorosamente que sim!

Embora Arminius não tenha tido uma grande atenção consciente entre os Adventistas, espero que esta breve introdução à sua vida e ao seu pensamento, bem como as correspondentes influências positivas sobre os desenvolvimentos posteriores ocorridos

1. Para um relato da vida de Wesley escrito com autoridade e concisão, mas fácil de ler, veja-se Kenneth J. Collins, *A Real Christian: The Life of John Wesley*, Nashville, Tenn.: Abingdon, 1999.
2. O nome Jacobus Arminius é uma forma latinizada do seu nome holandês Jacob Harmenszoon. A melhor biografia acadêmica de Arminius é ainda a de Carl Bangs, *Arminius: A Study in the Dutch Reformation*, 2nd ed., Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1985. O esboço biográfico que se segue foi inspirado (1) no artigo de Carl Bang intitulado “Arminius, Jacobus”, in Mircea Eliade (ed.), *The Encyclopedia of Religion*, New York: MacMillan, 1987, vol. 1, pp. 419 e 420; (2) no artigo de Victor Shepherd intitulado “ARMINIUS, Jacobus”, in Timothy Larsen (ed.), *Biographical Dictionary of Evangelicals*, Downer Grove, Ill.: Inter-Varsity, 2003, pp. 18-20 e (3) no artigo de J. K. Grider intitulado “Arminius, James”, in Walter A. Elwell, (ed.), *Evangelical Dictionary of Theology*, 2nd ed., Grand Rapids, Mich.: Baker, 2001, pp. 98 e 99.
3. Estes escritos, juntamente com o resto da sua produção literária, estão incluídos na mais recente edição das obras de Arminius, intitulada *The Works of James Arminius*, 3 vols, traduzidos e editados por James Nichols e William Nichols, Grand Rapids, Mich.: Baker, 1996.
4. A frase “dupla predestinação” indica a ideia de que Deus escolheu os que serão salvos e os que se perderão, e que a Sua decisão se realizará infalivelmente.
5. Os desenvolvimentos teológicos seguintes foram muito influenciados pelos comentários concisos dos seguintes autores: Williston Walker, *A History of the Christian Church*, rev. ed., New York: Charles Scribner's Sons, 1959, pp. 399-401; Justo L. Gonzalez, *A History of Christian Thought*, vol. III, rev. ed., Nashville, Tenn.: Abingdon, 1975, pp. 279-288 e J. K. Grider, “Arminianism”, in *Evangelical Dictionary of Theology*, pp. 97 e 98.
6. Walker, p. 400.
7. *Ibidem*.
8. *Ibidem*.
9. *Ibidem*.
10. Grider, “Arminianism”, p. 98.
11. Isto é expresso teologicamente pelo termo técnico “graça preveniente”, que significa literalmente a graça de Deus que vem antes (*prevenio*, em Latim) dos pecadores sequer pensarem em ir a Deus em busca de auxílio.
12. Citado por Carl Bangs, *Arminius: A Study in Dutch Reformation*, p. 347.

o estilo de vida

ADVENTISTA NA VANGUARDA

Há cerca de uns quinze anos pediram-me que partilhasse alguns temas de saúde e nutrição numa das nossas igrejas. O tema central girava em torno da reforma pró-saúde e dos “controversos” conselhos de Ellen G. White sobre o uso do leite e da carne.

Como eu não podia estar presente na data indicada, telefonei a uma nutricionista (que pertence à nossa Igreja) para perguntar-lhe se podia substituir-me. Mas fiquei surpresa quando ela me respondeu que se recusava a tratar de temas ou conceitos que não estavam “cientificamente comprovados”. No entanto, hoje existe um grande interesse em se conhecer o estilo de vida Adventista, graças a uma série de investigações e de artigos científicos publicados recentemente, onde fica

“comprovado cientificamente” que os Adventistas do Sétimo Dia que praticam a reforma pró-saúde vivem mais anos, ficam menos vezes doentes e têm uma melhor qualidade de vida. Enfim, hoje em dia, *ser Adventista do Sétimo Dia é estar na vanguarda.*

Tudo começou em meados do século XX, quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) levou a cabo estudos de acompanhamento de grupos específicos que apresentavam características muito pecu-

liares, diferentes das apresentadas pelo resto da população, tais como maior esperança de vida e menor risco de morbilidade e de mortalidade em resultado de doenças crónico-degenerativas (diabetes, cardiopatias, hipertensão arterial, cancro, etc.). Imediatamente se destacou, como exemplo a seguir pelo seu estilo de vida, um grupo de Adventistas que vivia no Sul da Califórnia, nos EUA. Mas, como os resultados destas investigações foram publicados apenas em documentos oficiais da OMS, a informação ficou restringida aos profissionais de saúde. No entanto, de há uns anos para cá tem crescido o interesse mundial pelas questões de saúde, devido ao aumento da obesidade na população, tanto nos países ricos, como nos países pobres.



National Geographic: Em busca da eterna juventude

Na revista do mês de novembro de 2005 da *National Geographic* publicou-se um artigo intitulado: “Em busca da eterna juventude”. Em seguida apresento algumas das suas conclusões mais importantes:

- Os ASD de Loma Linda, Califórnia, são considerados as estrelas da longevidade nos Estados Unidos, pois tendem a viver entre quatro e dez anos mais do que a média dos Californianos.
- Os ASD evitam as comidas rápidas e a cafeína, são vegetarianos, bebem pelo menos cinco copos de água por dia, comem nozes, leguminosas e cereais integrais, não fumam, nem bebem álcool, guardam o Sábado,

frequentam regularmente a igreja e desfrutam do prazer de passear na Natureza (e de realizarem outras atividades ao ar livre) em companhia dos seus correligionários, o que lhes permite manterem-se ativos e socialmente vinculados.

- Os ASD que comem leguminosas (como feijões, grão-de-bico e favas), leite de soja, tomates e outros frutos têm menor risco de contrair certos tipos de cancro.
- Os ASD que consomem pão de trigo integral, bebem cinco copos de água por dia (e não refrescos ou bebidas açucaradas) e consomem quatro porções de nozes (oleaginosas ou frutos secos) por semana reduzem o risco de contraírem doenças de coração.

- Os ASD que não consomem carne vermelha diminuem o risco de contrair tanto cancro, como doenças de coração.
- Os ASD vão buscar a sua dieta diretamente da Bíblia, segundo Génesis 1:29.
- As pessoas que frequentam regularmente a igreja vivem de quatro a catorze anos mais do que os que não o fazem.

Os ASD que seguem o estilo de vida prescrito nas suas doutrinas são um testemunho vivo de que a espiritualidade e a saúde física vão de mão em mão, isto é, que é saudável misturar a saúde com a religião.

Os ASD aumentam as suas possibilidades de longevidade ao associarem-se com pessoas que reforçam os seus hábitos saudáveis.

Entre os ASD entrevistados neste estudo “não havia um só resmungão no grupo”, portanto, se se quer juntar anos à vida e vida aos anos, deve-se reduzir a todo o custo o mau humor.

NEWSWEEK: COMO VIVER PARA SEMPRE

A revista *Newsweek* de abril de 2011 publicou um interessante quadro intitulado “Como viver para sempre”. Segundo recentes investigações científicas, isto é o que precisa de ter ou de fazer em cada etapa da sua vida para aumentar os seus dias:

Ao nascer:

- Ser mulher.
- Ser Adventista do Sétimo Dia.
- Ter nascido de uma mãe menor de 25 anos.
- Viver num lugar livre de contaminação ambiental.

Na infância:

- Viver debaixo de uma disciplina estrita.
- Iniciar a educação formal depois dos 6 anos.

Na juventude:

- Escovar os dentes e usar fio dental todos os dias.





- Não consumir bebidas nem alimentos que contenham fosfatos (alimentos processados).
- Consumir entre 25% e 30% menos calorias do que aquelas indicadas na dose diária recomendada.

Na idade adulta:

- Estar comprometido com o seu trabalho.
- Conservar os seus ovários.
- Incluir uma dieta mediterrânica.
- Praticar exercício regularmente, sem chegar a extremos.

Na velhice:

- Ser otimista.
- Ter marcadores genéticos de longevidade que podem deter os genes de Alzheimer, cancro e outras doenças relacionadas com a idade.

Como se pode ver, há vários pontos coincidentes entre a revista *National Geographic* e a revista *Newsweek*, mas sobressai o estilo de vida dos Adventistas do Sétimo Dia e o otimismo, o bom humor e a felicidade como elementos indispensáveis para alargar os nossos dias e elevar a nossa qualidade de vida.

As Seleções do Reader's Digest: As chaves para se viver cem anos

Nesta revista apareceu um artigo, em julho de 2011, que men-

ciona brevemente as conclusões obtidas por Dan Buettner no seu livro *Zonas Azuis*. Algumas das conclusões mais interessantes são as seguintes:

- Os ASD de Loma Linda, Califórnia (uma das zonas azuis), têm uma elevada probabilidade de chegar a viver até aos cem anos, enquanto a incidência de cancro e doenças cardiovasculares neles é significativamente menor do que no resto dos habitantes desta região. A chave está na dieta e no estilo de vida, pois estas características dos ASD oferecem a informação mais confiável que existe para se juntar anos à vida e vida aos anos.
- Os ASD de Loma Linda sabem que comer muitas frutas e verduras e pouca carne alarga mais a vida do que qualquer comprimido.
- Adotar este estilo de vida não é difícil.
- Devemos adotar uma dieta que possamos praticar e desfrutar até chegarmos aos noventa anos.
- A zona azul de Loma Linda, Califórnia, testemunha do poder transformador das mudanças na dieta e no estilo de vida, recomendáveis para todas as pessoas que queiram gozar dos benefícios

de que desfrutaram os habitantes das zonas azuis do mundo.

Conclusão: E você, está na vanguarda?

No início do movimento, os primeiros Adventistas sofriam de doenças físicas tanto quanto os seus contemporâneos. Em 1863, poucos Adventistas tinham aceite seriamente as reformas de saúde, apesar de a primeira visão sobre o tema ter sido dada em 1848. Mas, o que é mais triste é que, atualmente, o panorama não mudou, pois muitos Adventistas ficam doentes e morrem de modo semelhante ao resto da população, dado que continuamos a ignorar a mensagem de saúde que o nosso bom Deus nos revelou há mais de 160 anos por meio de Ellen G. White. Ela escreveu com assombrosa simplicidade e exatidão o que, hoje, se reconhece como a melhor fórmula para a promoção da saúde e da longevidade. A pergunta é: está você na vanguarda, como os nossos irmãos de Loma Linda? Hoje, quando os cientistas proclamam a mensagem de saúde Adventista, fá-lo-á você também? ♣

• **Claudia Gabriela Hernández Salazar**
Licenciada em Nutrição



Atos de serviço marcam o segundo dia mundial da juventude

ANN/RA

O Dia Mundial da Juventude Adventista foi o segundo evento anual deste tipo, levando centenas de milhares de jovens Adventistas do Sêti-

mo Dia para a rua para realizarem projetos de serviço ao próximo nas suas comunidades. O evento de 15 de março foi também transmitido pela Internet, destacando-se projetos de vinte locais diferentes. Uma equipa do centro de multimédia *Stimme der Hoffnung*, na Alemanha, coordenou a transmissão mundial em direto das atividades realizadas durante este dia. O Diretor dos Ministérios da Juventude da Conferência Geral, Gilbert Cangy, disse que este tipo de eventos ajuda a estabelecer a unidade no movimento da Juventude Adventista ao redor do mundo e oferece uma possibilidade de se expressar a criatividade dos jovens para o serviço. “Embora os nossos jovens estejam espalhados pelo mundo, eles estão unidos por um mesmo chamado: proclamar o Evangelho eterno e preparar o mundo para o iminente regresso de Jesus”, disse Cangy.

A Juventude Adventista, da Namíbia à Noruega, visitou lares de idosos, cantou canções de apoio aos presos e ofereceu informação sobre saúde e nutrição nas praças das cidades. Muitos jovens ofereceram-se para orar pelos transeuntes. Foram realizados milhões de atos de serviço em todo o mundo. No Reino Unido, um icónico autocarro vermelho de dois andares foi estacionado na Rua Oxford de Londres, oferecendo um rastreio de saúde gratuito e momentos de oração. Na Ci-



MANILA

dade do México, alguns jovens prepararam centenas de refeições para os pacientes de vários hospitais e para os seus familiares, enquanto outros jovens convidavam os transeuntes a ouvirem palestras sobre saúde e a participarem num rastreio de saúde. Na Colômbia, os jovens criaram estações de oração nas

paixão antes de se reunirem para um “desfile pela compaixão” que atravessou a cidade. Em Yaoundé, nos Camarões, o Presidente da Igreja Adventista mundial, Ted Wilson, terminou com uma oração as cerimónias do Dia Mundial da Juventude perante uma audiência de 7000 pessoas. Em Lisboa, Portugal,



INGLATERRA



BOTSWANA



ANADIA



OUVELAS



ruas de várias cidades. No Egito, jovens e profissionais de saúde realizaram uma Expo-Saúde num dos distritos do Cairo. Nas Filipinas, os jovens de Manila distribuíram bens essenciais, oraram com os transeuntes e realizaram outros atos de com-

os jovens saíram à rua para levar alimentos para os sem-abrigo da cidade e para distribuir livros missionários.

O próximo Dia Mundial da Juventude Adventista está marcado para 21 de março de 2015.

Reunião da comunidade Adventista de comunicação da Divisão Inter-Europeia

Ad7news/RA

A Comunidade Adventista de Comunicação da Divisão Inter-Europeia (EUD) reuniu-se na Alemanha para discutir o uso criativo da Internet no trabalho e na missão da Igreja. Durante quatro dias, as várias delegações de cada país da EUD – totalizando 70 participantes – apresentaram o seu relatório, utilizando os vários recursos tecnológicos que funcionam como ferramentas para a missão da Igreja. A partir do *Stimme der Hoffnung Media Center*, na Alemanha, foram apresentadas as várias perspetivas que existem no mundo informático, tecnológico e audiovisual, e que podem ser utilizadas pela



Igreja para o cumprimento da sua missão no mundo.

A União Portuguesa foi representada pelo Departamental de Comunicações e pela equipa técnica da *Digitalway*. Foi apresentado como projeto

português o “Jornal Ad7”, tendo este sido uma agradável novidade que incentivou Corrado Cozi, diretor de Comunicações da EUD, a propor a criação de um Jornal Europeu que apresente as principais iniciativas

de cada país, contribuindo assim para um conhecimento e uma partilha mais eficaz dos esforços evangelísticos da IASD na nossa Divisão.

Neste encontro, para além de vários convidados que preencheram e moderaram as diversas áreas de discussão sobre comunicação, esteve presente Williams da Costa Júnior, Diretor de Comunicações da Conferência Geral, que abordou alguns dos trabalhos mais recentes produzidos pela Conferência Geral, tal como o filme *The Creation*.

Para Corrado Cozi este encontro serviu, sobretudo, para consolidar e potenciar a contribuição de cada delegação, a nível nacional, mas também a nível europeu, para a criação e disponibilização de recursos destinados à proclamação do Evangelho eterno pela Igreja ASD na Europa. ✨

NOTÍCIAS NACIONAIS

Retiro espiritual do Jardim de Infância Arco-Íris e do Colégio Adventista de Setúbal

Ad7news/RA

Quando a vontade de ser semelhante a Cristo se torna na principal razão de viver, professores e alunos podem alcançar valores extraordinários no âmbito do respeito e do crescimento espiritual. No fim de semana de 8 e 9 de março, a equipa constituída por professores, auxiliares, diretora administrativa e capelão da Creche e Jardim de Infância Arco-Íris e do Colégio Adventista de Setúbal esteve reunida num retiro espiritual, no parque de campismo da Ilha do Pesseguero, em Porto Covo.

O objetivo do encontro, para além de proporcionar momentos significativos de comunhão com Deus e de estreitar laços de amizade entre os participantes, foi o de

reestruturar o Plano Diretor de Desenvolvimento Espiritual destes dois estabelecimentos de ensino. Procurando sempre o crescimento espiritual dos seus alunos, estas equipas de educadores focalizaram a sua atenção e a sua intenção de trabalho no Princípio da semelhança com Cristo, no Valor do respeito e na Crença do crescimento em Cristo. Contando com a participação do Diretor do Departamento de Educação da UPASD, o plano foi elaborado neste retiro e será implementado no presente e no próximo ano letivo.

Toda a comunidade Adventista é convidada a participar



neste importante projeto, orando pelo trabalho diário das experientes e comprometidas equipas destas escolas Adventistas da cidade de Setúbal. Que Deus oriente o trabalho, que Ele continue a dar o espírito de serviço a estes educadores e que as crianças destas escolas conheçam e aceitem Jesus Cristo como seu Amigo e Salvador. ✨

DESCANSOU NO SENHOR

IASD Pedroso – Rute Ferreira

Rosalina Rodrigues da Silva Ribeiro – No passado dia 27 de fevereiro, a nossa querida irmã Rosalina, com a idade de 80 anos, descansou no Senhor, após prolongada doença. Impedida de estar em comunhão com os seus irmãos, foi no entanto a sua firme fé que a manteve sempre perto do seu Salvador. Nascida a 29 de maio de 1933, foi batizada em Luanda, onde viveu algum tempo. Estamos tristes pela partida da nossa irmã, mas acreditamos que Jesus vai voltar em breve e, na Sua vinda, concretizar-se-á a promessa da ressurreição dos que, desde agora, dormem no Senhor. Por isso, dizemos apenas “até breve”, certos de que, muito em breve, não mais haverá separação. ✨

Uma senhora determinada

ANNA KNIGHT FOI UMA MULHER A TER EM CONTA

Os fabricantes ilegais de *Whisky*, de raça branca, no estado do Mississippi, enviaram uma mensagem ameaçadora à jovem enfermeira Adventista negra, uma educadora que tinha começado uma escola primária e estava a visitar igrejas evangélicas que se reuniam ao domingo. Eles avisaram-na de que, se ela não parasse de ensinar às pessoas a abstinência de álcool, eles poriam fim aos seus empreendimentos.

Anna Knight devolveu-lhes a seguinte mensagem: “Quando estiverem preparados para começar a dispor, eu também estarei pronta.”

Era o ano de 1898 e a obra Adventista no Mississippi estava ainda a começar. Em Vicksburg, o barco a vapor *The Morning Star* (A Estrela da Manhã), comandado por Edson White e seguindo as instruções da mãe deste, Ellen White, tinha-se tornado no centro de um ministério abrangente ao serviço dos escravos emancipados e dos agricultores negros pobres. Aulas, palestras e serviços de adoração eram realizados todas as semanas a bordo do *The Morning Star*. Havia até uma prensa a bordo, na qual Edson imprimiu 75 000 cópias do seu livro *The Coming King* (O Rei Vindouro), o qual foi vendido para sustentar a nova obra no Sul.

Não se contentando em limitar-se a proporcionar instrução religiosa, Edson White chegou a ensinar técnicas agrícolas de diversificação de plantio no convés do *The Morning Star*. Ele incentivou os agricultores negros que trabalhavam nas grandes plantações de al-

godão a obter uma maior autossuficiência económica pela criação de galinhas e pela apicultura. Incentivou-os também a melhorarem o solo das suas pequenas plantações pelo cultivo do amendoim, do morango, do tomate e da couve.

O ministério centrado no *The Morning Star* espalhou-se por todo o Mississippi e, mesmo, por todo o Sul. Uma das pessoas alcançadas por ele foi Anna Knight, filha de uma escrava, que tinha, de algum modo, aprendido a ler por si mesma e tinha obtido alguns folhetos editados por Adventistas. Ela começou a corresponder-se com as pessoas que lhe tinham enviado os folhetos. Finalmente, estes Adventistas convidaram-na para se juntar a eles e ser batizada, convite que ela aceitou. Depois eles fizeram com que Anna frequentasse a escola em Battle Creek, Michigan. Ela terminou aí os estudos na Escola Industrial e, depois, formou-se como enfermeira, em 1898, na Faculdade Médica Missionária Americana.

Quando John Harvey Kellogg, presidente da Faculdade, descobriu

que Anna respondera ao chamado para ser missionária dizendo que queria trabalhar no Mississippi, ele pagou-lhe os custos de deslocação para o seu regresso, deu-lhe um uniforme de enfermeira e ofereceu-lhe todos os exemplares do seu livro sobre fisiologia de que ela necessitou.

Anna regressou ao seu Mississippi natal e começou uma escola, para todos os que desejassem aprender, numa cabana de toros situada na quinta do seu tio. Poucos meses depois, ela mudou a escola para um novo edifício, cuja construção ela própria tinha supervisionado. Ela dava aulas a 24 estudantes distribuídos por oito classes, além de viajar por toda a região visitando igrejas evangélicas que se reuniam ao domingo. Ensinava também os adultos a escreverem, a lerem, a fazerem contas e a cozinharem. Ela frisava especialmente a necessidade de temperança para a promoção da saúde. Sobre esta experiência, escreveu mais tarde: “Quando eu montei o cartaz sobre a fisiologia humana e mostrei às pessoas o que o vício de beber *Whisky* faria ao seu coração, fígado, rins e aos outros órgãos, todas elas ficaram assustadas e deixaram de comprar *Whisky*.” Daí o aviso ameaçador que ela recebeu dos brancos destiladores ilegais de *Whisky*.

Após ter recebido a mensagem ameaçadora, Anna adquiriu um cavalo muito veloz e começou a andar armada com um revolver e uma carabina. Sendo uma excelente atiradora e uma boa amazona, houve até



uma vez em que conseguiu atravessar a cavalo um grupo de destiladores de *Whisky*, deslizando o corpo para ficar coberta pelo flanco do cavalo, enquanto eles disparavam contra ela. Sem se deixar atemorizar, ela encostou a sua carabina num canto da sua escola e continuou a ensinar as pessoas sobre os malefícios da bebida. “Eu pegava todos os dias nos meus livros e na minha arma e levava-os para o trabalho”, escreveu ela. “Quando os meus inimigos viram que eu não tinha medo, deixaram de me causar problemas.”

O Dr. Kellogg fez os preparativos necessários para que ela pudesse estar presente na famosa reunião da Conferência Geral de 1901, em Battle Creek, que reorganizou a Igreja Adventista do Sétimo Dia, conferindo-lhe a sua atual estrutura organizativa. Anna esteve presente como delegada com direito a voto, tendo feito um relatório sobre o trabalho que tinha estado a desenvolver no campo missionário do Mississippi.

No entanto, um apelo lançado na sessão da Conferência Geral para o serviço nas missões estrangeiras gerou nela uma forte luta interior.

Ela gostava muito do trabalho que estava a fazer no Mississippi, e tinha mesmo arriscado a vida para fazê-lo, mas cria que devia empenhar-se num campo missionário externo. Sem sequer retornar ao seu lar no Mississippi, ela fez com que os seus familiares continuassem o seu trabalho na sala de aulas e viajou diretamente para Nova Iorque, para embarcar num navio cujo destino era a Índia.

Em 1901, Anna Knight tornou-se na primeira mulher negra de qualquer denominação a ser enviada como missionária para a Índia, envolvendo-se aí em tudo o que os Adventistas se envolvem seja para onde quer que vão. “Eu trabalhei em diferentes aspetos da missão”, escreveu ela. Ela extraiu dentes, lancetou abscessos e bolhas, realizou a gestão da Missão, ensinou a Bíblia e o Inglês, e vendeu literatura Adventista.

Mas esta filha do Mississippi também acreditava nos princípios da rotação de culturas e começou a ensinar as pessoas sobre como deviam arar e adubar a terra. Os Índios respondiam: “Isso pode funcionar na América, mas não serve na Índia.” Então, Anna arranhou dois bois, atrelou-os a um arado americano e plantou fileiras de nabos, couves-flor, tomates, beterrabas e outros vegetais, ensinando assim os aldeões sobre o modo de os cultivar. “Houve uma safra de vegetais como nunca tinha sido vista antes em Karmatar”, escreveu ela. Partindo deste pequeno começo, ela supervisionou o desenvolvimento em Karmatar de uma instituição médica, uma escola industrial, uma casa impressora e uma igreja, recreando na Índia as instituições de Battle Creek.

Durante o tempo das suas férias nos Estados Unidos, Anna ouviu dizer que os produtores ilegais de *Whisky* no Mississippi tinham conseguido fechar a sua escola. Ela decidiu não regressar à Índia, mas voltou

para aquele outro campo de missão – o Mississippi – e reabriu a escola, desta vez no centro da sua vila.

Em 1909, deixando a sua amada escola nas mãos da sua irmã, Anna mudou-se para Atlanta, Geórgia, e começou a fazer palestras sobre saúde, além de dirigir uma escola noturna no YWCA que ensinava primeiros-socorros e enfermagem caseira. A sua relação com o YWCA, que tinha começado na Índia, impressionou de tal modo esta organização, devido à combinação do Evangelho com a educação para a saúde, que a instituição chegou a considerar seriamente reproduzir o modelo educativo de Anna num programa a nível nacional.

Anos mais tarde, foi pedido a Anna que assumisse posições de liderança ao nível da Associação e da União. Em 1932, ela foi eleita secretária-associada dos Departamentos de Missão Interna, Voluntariado Missionário e Educação da União do Sul. Ela também continuou a tentar mudar a sociedade. Na hora da sua morte, em 1972, Anna Knight, com 98 anos, servia como presidente da Associação Nacional dos Professores de Cor.

Anna Knight foi uma heroína Adventista da reforma social, numa época em que poucos eram os que estavam envolvidos na reforma da sociedade. Os Adventistas são verdadeiros Adventistas apenas quando se lançam ao trabalho para desafiar instituições opressivas, libertar as pessoas da doença e da deficiência e demonstrar concretamente como será aquela futura cidade luminosa de Apocalipse, em que todas as lágrimas serão enxugadas e não mais haverá morte.

Anna Knight foi, certamente, uma destas Adventistas, transformadora do mundo – arauto da Cidade Santa.

• Roy Branson
Professor de Teologia

As bênçãos da Europa

CUIDANDO DA IGREJA RECÉM-NASCIDA

A Europa foi o primeiro continente, fora da América do Norte, em que foi pregada a mensagem Adventista. Michael Belina Czechowski (1818-1876), um sacerdote polaco convertido, tinha um intenso desejo de se tornar num missionário enviado para a Europa pela recém-nascida Igreja Adventista do Sétimo Dia. Quando os líderes da Igreja se recusaram a aceitar o seu pedido, ele conseguiu captar o apoio dos Adventistas guardadores do domingo.

Em 1864, chegou a Torre Pellice, um vale valdense no Norte de Itália, onde constituiu um grupo de crentes a quem ensinou as doutrinas Adventistas do Sétimo Dia. Ele estabeleceu outros grupos na Suíça e na Roménia.

A Europa viu também chegar o primeiro missionário oficial da denominação. Em resposta ao pedido urgente dos crentes da Suíça, a Conferência Geral enviou John Nevins Andrews, que chegou a Neuchatel, Suíça, a 16 de outubro de 1874, acompanhado pelos seus filhos, Charles e Mary (a sua mulher tinha falecido em 1872). Após nove anos de trabalho dedicado na Europa, ele morreu em 1883, aos 54 anos, e foi sepultado em Basileia, na Suíça.

A Europa foi também o primeiro continente visitado por Ellen White.¹ Na segunda sessão do Conselho Missionário Europeu, em Basileia, na Suíça, em 1884, foi adotada uma resolução que pedia à Conferência Geral que convidasse a Sra. Ellen G. White e o seu filho,

William C. White, para visitarem as missões europeias. Em resposta a este chamado vindo do outro lado do Oceano, Ellen White e o seu filho chegaram a Liverpool, Inglaterra, em agosto de 1885, tendo sido recebidos por M. C. Wilcox, o editor do jornal missionário britânico *Present Truth* (Verdade Presente). A obra em Inglaterra fora estabelecida em 1878 por William Ings, um natural de Hampshire, e desenvolvida por J. N. Loughborough e pela sua mulher, os quais passaram cinco anos em Inglaterra.

Enquanto esteve em Inglaterra, Ellen White visitou Grimsby, sede da missão e da obra de publicações desde 1884, bem como algumas outras cidades, incluindo Londres e Southampton. Num sonho recebido em 1874, foram-lhe mostradas as cidades moribundas do mundo e foi-lhe dito: "Nunca percam de vista o facto de que a mensagem que levam é uma mensagem mundial. Ela deve ser levada a todas as cidades, a todas as vilas; deve ser proclamada nos ca-

minhos e valados. Não devem limitar a proclamação da mensagem."²

Estabelecendo-se na Suíça

Partindo de Londres, Ellen White e o seu filho foram de comboio até Dover, atravessaram o Canal da Mancha em direção a Calais, França, e a 3 de setembro de 1885 chegaram a Basileia, a sede da Igreja Adventista do Sétimo Dia na Europa Central. Foi aí que eles se estabeleceram durante toda a sua estadia de dois anos na Europa.

Quando Ellen White visitou a casa publicadora, "o pastor Whitney [que tinha sucedido a John N. Andrews em 1883] disse: 'Veja o nosso salão de reuniões antes de subir para o andar de cima.' Era uma bela sala no primeiro andar, bem iluminada e bem mobilada. A Senhora White olhou com atenção para todas as características do local e depois disse: 'É um bom salão de reuniões. Eu sinto que já vi este local antes...' Quando se chegou à sala da prensa, esta estava a laborar e a Senhora White disse: 'Já vi esta prensa antes. Este lugar parece-me muito familiar.' Rapidamente os dois jovens que estavam a trabalhar na sala da prensa aproximaram-se e foram apresentados aos visitantes. A Senhora White apertou-lhes as mãos e, então, perguntou: 'Onde está o outro?' 'Qual outro?', perguntou o pastor Whitney. 'Há aqui um homem mais velho', respondeu a Senhora White, 'e eu tenho uma mensagem para ele'. O pastor Whit-

ney explicou então que o responsável pela prensa estava na cidade, a cuidar de negócios. Tinham passado pouco mais de dez anos desde que a Senhora White, ao relatar perante uma grande audiência na igreja de Battle Creek o que lhe tinha sido mostrado em visão acerca da obra a ser desenvolvida em muitas terras estrangeiras, tinha dito que vira prensas a funcionar em muitos países estrangeiros, imprimindo revistas, jornais, folhetos e livros sobre a verdade presente para os povos desses países”.³ É escusado dizer que esta experiência trouxe um tremendo encorajamento aos obreiros e aos membros de igreja na Europa. Confirmou a sua convicção de que estavam a fazer o trabalho de Deus.

Pouco tempo após a sua chegada à Europa, Ellen White participou no terceiro Conselho Missionário Europeu das Missões Adventistas do Sétimo Dia, realizado em Basileia. Uma das decisões tomadas foi convidar Ellen White e o seu filho William White “a visitar a Escandinávia, a Grã-Bretanha e outros campos”.⁴ Nos dois anos seguintes, ela visitou igrejas e grupos de crentes na Alemanha, na Itália, na França, na Dinamarca, na Suécia e na Noruega, sempre a partir do seu lar temporário em Basileia.

Viagens pela Europa

A sua primeira viagem levou-a de comboio, através da Alemanha, até à Escandinávia. Havia 18 igrejas e cerca de 800 guardadores do Sábado nestes países. Em Christiana, Noruega, o presidente da sociedade de temperança local convidou Ellen White a falar ao público no ginásio militar, o recinto mais amplo da cidade. Ela escolheu falar da temperança de um ponto de vista religioso. Estando à espera de algo diferente, a audiência ficou “inicialmente admirada, depois interessada e finalmente profundamente como-

vida”.⁵ Entre as 1600 pessoas que estiveram presentes havia muitos cidadãos proeminentes, incluindo o bispo da Igreja do Estado e mais alguns membros do Clero. Esta foi a mais ampla audiência a que ela se dirigiu na Europa.

Os crentes na Europa enfrentavam problemas específicos, como o serviço militar obrigatório e a obrigação de frequência da escola ao Sábado. Alguns pais que mantinham os seus filhos em casa no Sábado eram multados, outros tinham sido presos. Confrontada com estas questões, Ellen White motivou os membros a fazerem algum tipo de acordo com as autoridades escolares. “Se isto falhar, então o nosso dever é claro: obedecer aos requisitos de Deus seja qual for o custo.”⁶

Em Itália, ela visitou os vales valdenses. Ela subiu à montanha de Bobbio para visitar a gruta em que um grupo de refugiados valdenses fora sufocado pelo fumo de um fogo acendido pelos seus perseguidores. As suas viagens na Europa por lugares relacionados com a Reforma ajudaram-na na sua revisão do livro *O Grande Conflito*, em 1888. O seu filho William C. White escreveu em 1934: “Durante os seus dois anos de residência em Basileia, ela visitou muitos locais onde ocorreram eventos de especial importância nos dias da Reforma. Isto refrescou-lhe a sua memória sobre aquilo que lhe fora mostrado e levou a um alargamento importante daquelas partes do livro que diziam respeito aos dias da Reforma.”⁷



O regresso à América

A 3 de agosto de 1887, Ellen White embarcou no navio *City of Rome*, em Liverpool, para a sua viagem de regresso a Nova Iorque, onde chegou a 11 de agosto. A sua reflexão sobre a obra na Europa encontra-se num artigo da *Review*, escrito quatro meses depois do seu regresso da Suíça. “Após uma estadia de dois anos na Europa não vemos que haja mais razão para desânimo sobre o estado da Causa ali do que houve quando esta surgiu nos diferentes campos da América.”⁸ O tempo que ela passou na Europa foi uma grande bênção para o crescimento da Igreja europeia. Ao virar do século, o número de membros na Europa chegava, aproximadamente, aos 7000, sendo ultrapassado apenas pelo número de membros da América do Norte.

• **Gerhard Pfandl**

Diretor-Associado do Instituto de Investigação Bíblica

1. Para a informação sobre o tempo de permanência de Ellen White na Europa sou devedor a D. A. Delafield, *Ellen G. White in Europe*, Grantham: Stanborough Press, 1975, e a Arthur White, *The Lonely Years: 1876-1891*, Hagerstown, MD: Review and Herald Pub. Ass., 1984.
2. Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, Mountain View, Calif.: Pacific Press Pub. Ass., 1948, vol. 7, pp. 35 e 36.
3. Ellen G. White, *Life Sketches of Ellen G. White*, Mountain View, Calif.: Pacific Press Pub. Ass., 1915, pp. 282 e 283.
4. Ellen G. White, in *Review and Herald*, 3 de novembro de 1885.
5. Ellen G. White, in *Historical Sketches*, Basel: Imprimerie Polyglote, 1886, p. 211.
6. *Idem*, p. 216.
7. Citado em Arthur L. White, *The Ellen G. White Writings*, Washington, DC: Review and Herald Pub Ass., 1973, p. 127.
8. Ellen G. White, in *Review and Herald*, 6 de dezembro de 1887.

É Gênesis 3:15 uma profecia messiânica?

“E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente: este te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar.” Gênesis 3:15.

Ao longo de séculos de interpretação cristã, Gênesis 3:15 tem dado azo a uma ampla gama, divergente de interpretações literais e simbólicas. Alguns interpretam este texto considerando-o apenas uma descrição do conflito entre os seres humanos e as serpentes.

Outros afirmam que se trata de uma história fictícia, destinada a explicar o medo que os seres humanos têm das serpentes e a indicar a razão por que as serpentes rastejam e comem pó. Os intérpretes católicos veem neste texto uma referência a Maria, a mãe de Jesus, e ao nascimento virginal, insistindo que Maria é superior aos restantes seres humanos. Tanto quanto sabemos, Martinho Lutero foi o primeiro a chamar a Gênesis 3:15 o *protoevangelium*, isto é, “a primeira promessa evangélica”.¹

A semente messiânica

O termo hebreu *zera*, “semente”, juntamente com a expressão “gerações de” (*toledoth*), constituem a estrutura organizadora do livro de Gênesis. O Gênesis documenta a busca pela linhagem familiar escolhida para produzir a semente messiânica prometida em 3:15. Esta linhagem do Messias parte de Adão e de Eva e passa por

Seth, Noé, Abraão, Isaque, Jacob e Judá. Judá tornou-se no ancestral do rei David, de quem descendeu Jesus, o Filho de David (Gênesis 49:8-12; Lucas 3:23-34). Foi prometido a Abraão e Sara que eles gerariam uma dinastia real (Gênesis 17:6, 16). Esta promessa foi repetida a Jacob (Gênesis 35:11). Muitos salmos reais messiânicos fazem eco de Gênesis 3:15 (Salmos 2; 72; 89:4, 20, 24-29, 36; 110:1).

O primeiro comentário messiânico de Gênesis 3:15 é a exclamação de Eva, no momento do nascimento de Caím: “Alcansei do Senhor um varão.” Alusões feitas à Semente de Gênesis 3:15 por outras importantes passagens sobre a Semente (e.g., Gênesis 4:25; 15:13-16; Isaías 53) mostram um padrão similar e consistente de compreen-

são das implicações messiânicas da Semente. É interessante que Gênesis 22:17 e 18; Números 23 e 24 e II Samuel 7:12-15 mostram possuir um movimento similar de transição do plural para o singular. Isto é uma característica-chave dos textos messiânicos. Consequentemente, os autores do Novo Testamento referem-se à semente coletiva (Romanos 16:20; Gálatas 3:29; Apocalipse 12:17), depois, reduzem-na à Semente especificamente singular e individual que se identifica com a pessoa de Jesus Cristo (Gálatas 3:16, 19), que venceu a serpente, identificada especificamente com Satanás ou o Diabo (Apocalipse 12:9).

Do plural para o singular

O movimento de redução da semente no plural (*zera*) para a Semente singular e representativa é o principal indicador messiânico existente no texto de Gênesis 3:15. Esta redução ocorre em ambos os lados da inimizade que começou entre a serpente (singular) e a mulher (singular) [v. 15b]. A inimizade multiplica-se para abranger toda a semente da

serpente (coletivo) e toda a semente da mulher (coletivo) [v. 15c] e, depois, reduz-se para culminar na serpente (singular) e na Semente representativa da mulher (singular) [v. 15d, e]. A zera, "semente", de Gênesis 3:15 não é nem exclusivamente singular, nem exclusivamente plural. O drama da inimizade descrita em Gênesis 3:15 desenvolve-se por fases.

Gênesis 3:15 pode ser traduzido e dividido do seguinte modo:

15a – "E eu [Deus] colocarei [inimização divina] inimizade

15b – entre ti [Satanás, singular] e a mulher [Eva, singular];

15c – e entre a tua semente [plural, isto é, os seguidores de Satanás] e a sua semente [plural, isto é, todos os seres humanos que praticam a justiça];

15d – Ele [Semente da mulher, singular representativo] esmagar-te-á [aniquilará Satanás, singular, juntamente com os seus seguidores] a cabeça,

15e – E tu [Satanás, singular] ferir-lo-ás [Cristo, singular] no calcanhar."

A conjunção "e" no começo da última frase (v. 15e) corrobora a mudança da semente coletiva da serpente para a própria serpente singular.

A hostilidade entre a serpente e a mulher continua durante gerações. Portanto, Gênesis 3:15 deve ser um texto profético e escatológico. Esta inimizade culmina no confronto fatal entre Satanás e Cristo, no qual Satanás e os seus seguidores são finalmente vencidos. Cristo, a semente especial da mulher, é um Redentor que serve, Ele é um gracioso Salvador e um Sumo-Sacerdote, pois Ele oferece a Sua vida como

sacrifício aquando do ataque letal que Satanás Lhe faz. É como se Cristo pisasse na cabeça da serpente com o Seu calcanhar descalço, de modo voluntário e substitutivo. Isto é messiânico!

Não apenas o original hebreu de Gênesis 3:15, mas também as antigas traduções deste texto confirmam a ideia de que existe uma redução do coletivo para o singular. O apoio textual mais importante vem do Velho Testamento grego (a *Septuaginta*), que segue o texto hebreu em Gênesis 3:15 de tal modo que chega a violar a gramática grega, ao usar um pronome masculino (*autos*), para se referir ao nome neutro "semente" (*sperma*), de modo a favorecer uma leitura messiânica deste texto. Isto não é uma coincidência ou um mero descuido! O fenómeno de redução messiânica também é evidente nas traduções aramaicas, na *Peshita* siríaca, nos manuscritos da tradução *Velha Latina*, provenientes da Europa e do Norte de África, e na *Vulgata*.

Interpretação

Baseados na evidência gramatical, textual e escriturística, podemos justificadamente ver Gênesis 3:15 como uma profecia messiânica que Deus colocou intencionalmente no início das Escrituras. É a base de todas as profecias messiânicas, mesmo se a ideia messiânica só foi plenamente desenvolvida, exemplificada e demonstrada na história em revelações posteriores. A profecia de Gênesis 3:15 foi realizada na vida e na morte de Jesus Cristo e irá culminar na aniquilação final de Satanás, na extinção de todo o mal,

na justificação de Deus, na redenção de todos os seguidores de Deus e no estabelecimento do Seu reino messiânico.

Conclusão

Existe suficiente evidência gramatical, sintática, textual, estrutural e escriturística para se poder concluir que Gênesis 3:15 é uma profecia messiânica. Embora enunciada de modo breve naquele estágio primitivo da história humana, ela continua a ser o texto fundamental que todos os outros textos messiânicos desenvolvem. O movimento de redução da semente coletiva para a semente singular neste versículo é a melhor prova da sua intencionalidade messiânica. Se a Bíblia é o seu melhor intérprete, então Gênesis 3:15 é, seguramente, uma profecia messiânica.

Afolarin Olutunde Ojewole
Teólogo

1. Afolarin Olutunde Ojewole, *The Seed in Genesis 3:15 – An Exegetical and Intertextual Study*, Ph. D. Dissertation, Andrews University, 2002.

Um sopro poderoso

A FUNÇÃO DINÂMICA DO ESPÍRITO SANTO NA VIDA DO CRENTE

A obra do Espírito Santo na Bíblia tem algo que é encantadoramente difícil de entender. Jesus compara o Espírito Santo com o vento (João 3:8) e o Velho Testamento descreve o Espírito Santo com linguagem similar: Ele é *ruach*, i.e., sopro, vento ou espírito (cf. Gên. 1:2; Job 26:13; 33:4). Ele é como o vento: ninguém sabe de onde Ele vem ou para onde vai. Ele é invisível, no entanto é real. Toda a gente conhece e experimenta os resultados da Sua ação. Como o fôlego que respiramos, o Espírito Santo é essencial para a nossa vida espiritual. Sem Ele não poderíamos existir espiritualmente; no entanto, Ele adota uma posição de segundo plano na Bíblia.

A função do Espírito Santo

Não é surpreendente que o Espírito Santo surja nas Escrituras de modo menos proeminente do que Deus Pai ou Jesus Cristo. Uma das Suas tarefas mais significativas é a de exaltar a obra redentora de Cristo e dirigir os seres humanos para Jesus (João 15:26). A mensagem do Espírito Santo na Bíblia nunca é “Contemplem-Me; adorem-Me; venham a Mim; conheçam-Me”. Em vez disso, Ele exalta *Jesus* e exalta a Sua glória; Ele conduz as pessoas para um conhecimento salvador de Jesus e, através d'Ele, apresenta-lhes *Deus Pai*. Ele leva-as a obedecerem à revelada e inspirada *Palavra de Deus*. No nosso mundo pecador, cheio de egocentrismo e de autopromoção, a beleza do Espírito jaz não na

autoexibição, mas num divino esvaziamento do Eu. Ele ensina-nos a darmos glória a Deus Pai através de Jesus Cristo, o Seu Filho (João 16:13-15).

A necessidade do Espírito Santo

Sem o Espírito Santo não teríamos a Bíblia como fundamento da nossa fé. O nosso conhecimento de Deus depende d'Ele. Ele conhece Deus Pai como nenhum outro ser. Ele até sonda as profundezas de Deus (I Cor. 2:10 e 11). Por essa razão, Ele está adaptado de modo único para fazer conhecer Deus e a Sua vontade de um modo merecedor de confiança e dotado de autoridade, pois Ele é “o Espírito da Verdade” (João 14:17; 15:26).

De facto, o processo de revelação e inspiração divina é uma obra unicamente Sua (II Tim. 3:16; II Ped. 1:20 e 21). No entanto, o resultado da Sua inspiração não é um livro que seja primeiramente sobre o Espírito Santo, mas é, antes, um livro que aponta para Jesus Cristo, o Filho de Deus (cf. Lucas 24:25-27, 44-45; João 15:26; 16:14).

O Espírito Santo inspira

O Espírito Santo também desperta em nós uma apreciação da mensagem divina e acende o nosso desejo de obedecermos à Palavra de Deus. É o Espírito Santo



que nos permite compreender o que Ele inspirou (cf. I Cor. 2:12, 14-15; Efé. 1:17-19). Ele nunca contradiz as Escrituras Sagradas e não Se sobrepõe à Bíblia. O Espírito Santo não apenas foi o Autor da Palavra de Deus escrita, mas também esteve envolvido significativamente no ato de a Palavra Se tornar carne (Lucas 1:35).

O Espírito Santo conduz

As Escrituras dizem-nos que, desde o princípio, o Espírito Santo estava ativo neste mundo. Ele estava presente quando o nosso mundo foi criado (Gén. 1:2). Ele guiou o povo de Deus, ao dar-lhes visões e sonhos através dos Seus profetas (e. g., Dan. 2:19; 7:1; II Sam. 23:2). Ele capacitou indivíduos e reis para conduzirem e livrarem Israel (e. g., Juíz. 3:10; 6:34; 11:29). Ele guiou a Igreja do Novo Testamento (Atos 1:8; 2:38; 13:1-4, 9; 20:28) e equipa a Igreja para que esta espalhe o Evangelho de Jesus Cristo, de modo a preparar o mundo para o Seu regresso.

O Espírito Santo traz consciência

Num nível pessoal, o Espírito Santo é o autor da nossa vida espiritual (João 3:5 e 6). É o Espírito Santo que desperta o nosso coração pecador e morto (veja Efé. 2:1; Eze. 36:26 e 27) e abre os nossos olhos cegos (Atos 26:18; II Cor. 4:4) para a realidade enganadora do pecado. Ele estimula a nossa consciência desorientada, traz a consciência da justiça e do juízo divinos e conduz-nos ao arrependimento (João 16:8-11).

O Espírito Santo molda o carácter

Uma vez que tenhamos aceite Jesus Cristo como nosso Salvador, o Espírito Santo dá-nos a certeza de que somos adotados como filhos de Deus (Rom. 8:16). O Espírito Santo não apenas conduz pecadores a Jesus, mas também quebra o poder do pecado e capacita o crente a viver vitoriosamente através do sangue de Cristo (Apoc. 12:11). À medida que o Espírito Santo nos limpa do pecado e nos santifica (I Cor. 6:11), Ele molda o nosso carácter à Sua semelhança divina (II Cor. 3:18) e produz em nós os frutos do Espírito (Gál. 5:22 e 23).

O Espírito Santo une a Igreja

Através do Espírito Santo nós somos efetivamente unidos com Cristo. Esta obra ao nível individual conduz a uma comunidade específica de fé: a Igreja. Nós somos batizados por um único Espírito para fazermos parte do corpo de Cristo (I Cor. 12:13). Isto é feito no nome único do verdadeiro Deus: O Pai, o Filho e o Espírito Santo (Mat. 28:19), indicando que o Espírito Santo é tão plenamente divino como Deus Pai e Deus Filho. Por isso, a Igreja de Deus é chamada o templo do Espírito Santo

(I Cor. 3:16-17; Efé. 2:19-22). Tendo experimentado a salvação unicamente através da fé em Jesus Cristo, surge uma comunhão do Espírito Santo na Igreja (veja II Cor. 13:13; Fil. 2:1 e 2). Ele constrói a comunidade de fé, transformando-a na casa espiritual de Deus “no Espírito” (Efé. 2:22). Ele ajuda os crentes e é o seu “Ajudador”, “Confortador” ou “Conselheiro”, traduções possíveis da palavra grega *parakletos* (João 14:16). Ele apoia e equipa ativamente os vários membros do corpo de Cristo, ao dar-lhes dons espirituais especiais, segundo Ele julga adequado (I Cor. 12:11), e Ele gera o amor no nosso coração (Rom. 5:5; Gál. 5:22).

O Espírito Santo transforma

O Espírito Santo trabalha de forma harmoniosa, juntamente com Deus Pai e Deus Filho, para realizar a nossa salvação. Tomando-se em consideração esta ampla atividade, o trabalho do Espírito Santo pode ser descrito como a sublime presença de Deus. A palavra portuguesa “sublime” expressa algo de elevada excelência. Ela descreve algo que é exaltado por natureza e é elevado em dignidade e honra. Ela converte algo inferior em algo de valor superior.¹ O ministério do Espírito Santo é, de facto, sublime e soberbamente divino. Ele trabalha sem usar coerção, no entanto é imensamente poderoso. O Espírito Santo é o Dom sublime de Deus dando-*Se* a Si mesmo, dom que leva a uma transformação da nossa vida e nos traz a uma comunhão alegre com Jesus Cristo e com Deus Pai.

- Frank M. Hasel

Professor e Deão do Seminário de Bogenhofen

1. www.merriam-webster.com/dictionary/sublime, (consultado em 31 de outubro de 2011).

Mais poderoso do que as ondas

A EMOÇÃO DE SEGUIR CRISTO

“Mas o Senhor, nas alturas, é mais poderoso do que o ruído das grandes águas e do que as grandes ondas do mar” (Salmo 93:4).

Talvez ninguém devesse estar no topo de ondulação que é tão alta quanto um edifício de oito andares e que se esmaga contra a praia, a cada vinte segundos, com a força de um comboio. Surfar grandes ondas não é jogar pelo seguro. Tem a ver com a emoção de domar essas ondas assassinas.” Este testemunho de Terry McCarthy, um surfista de Waikiki, no Hawaii, lembra-me a minha longa e feliz carreira como evangelista, quando a minha mulher e eu realizámos mais de cem campanhas e vimos muitas pessoas serem batizadas, pessoas que prometiam assim embarcar na emocionante aventura de “domar as ondas assassinas” do pecado para seguir Cristo.

Um compromisso com Jesus Cristo envolve a ameaça constante do perigo, mas os crentes abraçam o desafio, sabendo que nunca estão para além do alcance do cuidado de um amoroso Pai celestial. As ondas não submergirão o surfista da vida.

Pete Cabrinha, um experiente surfista de 42 anos, já tinha surfado ondas assassinas, mas, desta vez, à medida que surfava uma grande onda que embatia contra o famoso “recife das mandíbulas”, na costa de Maui, naquele dia de janeiro, não conseguiu chegar ao fundo. A onda “estava a aumentar

à minha frente e também a aumentar atrás de mim, pelo que me parecia que eu não ia a parte nenhuma”, recorda ele. Ele já tinha visto dez horríveis quedas naquela manhã. Então, à medida que Cabrinha ganhou velocidade na descida da onda, a crista desta aproximou-se rapidamente por detrás dele. As pessoas observavam da praia e gritavam: “Força, Pete, força!”, à medida que ele deslizava à frente da água esbranquiçada.

Quando chegou a águas tranquilas, outro surfista disse-lhe que aquela tinha sido a onda maior

que ele alguma vez tinha visto. Após as fotografias da façanha terem ficado disponíveis, elas mostraram que a onda tinha 20 metros de altura, sendo a onda mais alta alguma vez medida até então. Entretanto, já me disseram que os surfistas estabeleceram o objetivo de encontrar e surfar uma onda de 30 metros de altura.

Vivendo no limite

Em 2001, a *Billabong*, uma empresa australiana de material para surf, estabeleceu a *Odisseia Billabong*, um fundo para suportar os custos de viagem aos surfistas que viagem seja para onde for no mundo em busca de uma onda de 30 metros. A *Billabong* premiará com 250 000 dólares o primeiro surfista que conquistar uma tal onda. “Gerada por uma tempestade perfeita no mar alto”, diz McCarthy, “deslocando-se com uma velocidade superior a 65 quilómetros por hora e esmagando-se com uma força tremenda que seria ouvida na praia, a vários quilómetros de distância, uma onda de 30 metros provavelmente mata-ria qualquer pessoa que caísse dela”.

Espanta-me que alguém atacasse um objetivo tão difícil apenas

por diversão. Em que medida é isto semelhante à vida cristã? Eu não estou a encorajar os filhos de Deus a praticarem desportos perigosos, mas posso entender a atração por passatempos aventureiros. Até o antigo Presidente dos Estados Unidos, George H. W. Bush, celebrou o seu 85º aniversário saltando de paraquedas de um avião.

Eu lembro-me de que a minha mãe não me permitiu tirar as lições de pilotagem de aviões que eu tanto queria. Então, mais tarde, quando eu era um pastor no meu primeiro ano de estágio, a minha mulher, Rose, deixou-me pedir emprestados os 70 dólares necessários para pagar as lições. A minha primeira viagem a solo foi a experiência mais próxima, na minha vida, de “viver no limite”. Anos mais tarde, comecei a esquiar na neve, tinha então 63 anos; desci a Colina dos Coelho e, posteriormente, encostas mais desafiadoras. De tempos a tempos, experimentei algumas quedas. Cada uma delas ensinou-me uma lição sobre como esquiar melhor. Esquiei durante dez anos, até que o meu médico me sugeriu que parasse, por razões de saúde. Infelizmente, isto pôs fim a outra era de aventuras. Há uma certa excitação em se descer a montanha com a neve a voar e o vento a bater no rosto.

Também a vida cristã está cheia de aventura e de sedução para experimentarmos “mais de ti, ó Deus”. Há uma forte emoção em se viver um compromisso diário com Jesus Cristo, viver uma renovação diária do novo nascimento e experimentar o trabalho de uma vida de santificação. Todos nós passamos por aventuras de fé, em que pensamos que estamos a viver no limite e temos a emoção de sabermos que Jesus está ali para nos ajudar e nos manter seguros.

Emoções e quedas

Descobri que a vida cristã, com um Céu a ganhar e um Inferno a evitar, é a maior aventura que os homens conhecem. Mas a derrota nunca me passou pela mente, porque, com Jesus, nós somos sempre vencedores. Após estar afastado das luzes da ribalta do evangelismo público há mais de vinte e cinco anos, eu ainda tenho notícias de pessoas que fizeram parte dessa aventura. A aventura da vida cristã inclui quedas. Na minha juventude tomei decisões próprias de um tolo e, mais tarde, quando já era pastor, por volta dos meus trinta anos, o meu passado chegou a perturbar-me. Fui ao ponto de pedir ao meu companheiro de ministério que me rebatizasse discretamente num lago. Ao olhar retrospectivamente, pergunto-me se essa foi a atitude certa a tomar, pois o rebatismo pode tornar-se algo equívoco. Tenho a certeza de que darei mais quedas antes de alcançar o Céu. Todos nós as daremos.

O mundo desafia a nossa fé com a sua versão da onda de 30 metros,

à medida que vivemos no limite com Cristo. Podemos esperar ter de enfrentar ondas sem precedentes, enquanto nos aproximamos da costa da glória eterna. Surgirão situações para desafiar o nosso compromisso de confiança, mas, com Jesus e com o Seu Espírito Santo a trabalhar em nós, conseguiremos manter-nos no topo.

O fecho da porta da graça? Tragam-me essa poderosa onda! Porquê? Porque então estaremos seguros em Cristo. O fecho da porta da graça não é algo inventado para assustar crianças marotas. Sim, os membros do povo de Deus serão provados, mas, depois, serão trasladados e reunidos com os seus entes queridos. Deus diz: “E eles serão meus, diz o Senhor dos Exércitos, naquele dia que farei, serão para mim particular tesouro; poupá-los-ei, como um homem poupa a seu filho, que o serve” (Malaquias 3:17).

Bendito seja esse dia!

Dick Rentfro
Pastor



Portugal está a envelhecer

“AS PESSOAS QUE MUDAM O MUNDO AJUDAM AS PESSOAS QUE NÃO PODEM AJUDAR-SE A SI MESMAS.”

AUTOR DESCONHECIDO

A população portuguesa envelhece

O índice de envelhecimento é bem revelador da evolução demográfica recente: aumentou de 71 idosos por cada 100 jovens, em 1991, para 103, em 2001. O crescimento da percentagem da população idosa e o declínio da percentagem de jovens na população são dois fatores explicativos da tendência crescente do índice de envelhecimento.

Numa análise da evolução da estrutura etária dos grandes grupos de idade entre os dois momentos censitários de 1991 e 2001 realizados pelo INE, verifica-se que a proporção de pessoas idosas (65 e mais anos) já ultrapassou a dos jovens (menos de 15 anos) em

2001. O peso dos idosos na população total aumentou 2,8 pontos percentuais em 10 anos, passando de 1 342 831 indivíduos com 65 e mais anos, em 1991, para 1 702 120, em 2001.

Estes números causam impacto, pois o envelhecimento muda o perfil da nossa Igreja e das faixas etárias a evangelizar e não estamos preparados para esta mudança de perfil. Enquanto nas sociedades orientais envelhecer é sinónimo de mais sabedoria e a essa categoria etária é dedicado todo o respeito, na nossa cultura abunda a ausência de sensibilidade e de solidariedade.

As limitações do idoso, que são diversas, podem perfeitamente ser superadas pela experiência.

A proposta do Ministério do Idoso e do Serviço de Capelania da UPASD é a seguinte: (1) Promover a qualidade de vida biológica, psicológica e espiritual dos idosos pertencentes às nossas comunidades, respeitando a singularidade de cada idoso; (2) Desenvolver integralmente e cumprir o propósito existencial de Deus para a vida do idoso e promover um relacionamento diário com Deus, enfatizando a realidade da breve volta de Jesus.

Ministério do Idoso

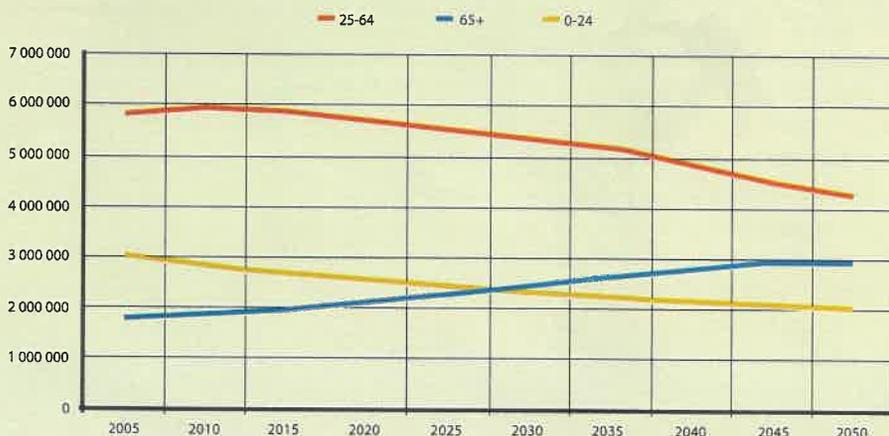
Objetivo Geral

Integrar e promover o idoso, tendo em conta a sua própria especificidade. Podemos comparar este ministério com um farol que iluminará o trabalho nas igrejas com os seus raios, que são as diretrizes reguladoras do traçado do caminho a ser seguido.

Objetivos Específicos

1. Dar oportunidade ao idoso de participar e de se integrar, ganhando representatividade.
2. Incentivar a prestação de serviços em prol dos outros, conforme as possibilidades de cada um, tendo como objetivo transmitir o Evangelho e trazer pessoas à Igreja.
3. Transmitir às gerações mais no-

PROJEÇÕES DA POPULAÇÃO RESIDENTE EM PORTUGAL



- vas uma imagem positiva da velhice e contribuir para dar ao idoso uma certa qualidade de vida.
4. Estimular o idoso a fortalecer-se espiritualmente.
 5. Orientar a família do idoso, de modo a que esta procure conhecer o processo de envelhecimento, capacitando-a quanto à compreensão do assunto, e também melhorar a assistência que a família deve prestar ao seu idoso.
 6. Promover palestras e seminários sobre Gerontologia e Geriatria nas nossas igrejas, para que todos tenham o esclarecimento necessário sobre as transformações que ocorrem em todas as fases da vida, com os seus respetivos valores.
 7. Elaborar um programa de atividades que vá ao encontro dos anseios do idoso, possibilitando-lhe uma troca de experiência, para que haja apoio mútuo e enriquecimento de todos.
 8. Fazer um levantamento nas igrejas ou uma pesquisa para se saber qual a percentagem existente de membros da terceira idade. Aproveitar os resultados para cadastrá-los.
 - a) Formar equipas de duas pessoas – pode ser um diácono (ou uma diaconisa) e um irmão da terceira idade – para visitarem, uma vez por semana, os irmãos da quarta idade ou que estão impossibilitados de se deslocar à igreja. Essas equipas deverão levar uma pequena reflexão espiritual e devem orar com os irmãos que vão visitar. Outro aspeto muito importante é a tarefa de se inteirarem das

dificuldade e das necessidades, para fazerem um relatório das mesmas ao pastor ou aos anciãos coordenadores.

Procurar, junto dos outros Departamentos, programas alternativos para que os idosos possam sair de casa, para os trazer à igreja. Poder-se-á também organizar passeios na Natureza ou de caráter cultural ou social.

9. Apresentar o grande desafio aos membros de igreja, apelando à sua consciência, chamando à razão e tocando o coração de todos, para que deem o seu apoio a este projeto.

10. Mostrar objetivamente, de maneira concisa e poderosa, que a Igreja de hoje será a realidade de amanhã. Nela predominarão os membros adultos e os idosos; por isso mesmo, é necessário preparar líderes aptos para administrarem esta realidade com eficiência e conhecimento de causa. Será sábio encami-



nhar esta sugestão para as Faculdades de Teologia, para que estas também possam dar este tipo de formação aos futuros pastores.

Visão

Celebrar e apoiar o direito intrínseco à dignidade de vida, pelo caminho da assistência espiritual, religiosa e emocional, nas diferentes situações de vida.

Intervenção

Ministrar às necessidades imediatas, quer espirituais, quer emocionais, daqueles que estão debaixo da sua jurisdição.

A Capelania para a Terceira Idade desenvolve-se no interior das igrejas, para atendimento dos membros, e também como modo de prestar um serviço à população local, sob a forma de auxílio às pessoas no atendimento integral.

Na Igreja, criou-se o **Ministério do Idoso**. São grupos de atendimento destinados a este segmento da população, a fim de acompanhar os idosos e auxiliá-los nos problemas específicos da idade, na situação familiar e na obtenção de uma melhoria da qualidade de vida.

Os requisitos de um capelão voluntário, de um diácono e de uma diaconisa ou de um membro da igreja local, para lidar com esta fase da vida, são os seguintes: deve ser uma pessoa que procura construir uma relação de amizade com o idoso e se encarrega de orientar espiritualmente o grupo.

Uma pessoa pode ser considerada como estando na terceira idade de acordo com a sua cultura, o seu país ou conforme o desenvolvimento da sociedade em que vive. Também se pode considerar uma pessoa de 18 anos, que se apresen-

ta constantemente cansada e com um espírito abatido, como uma pessoa envelhecida. Em contrapartida, podemos ter uma pessoa de 80 anos com um espírito jovem. Com a terceira idade também aparecem alguns problemas de saúde com mais frequência, que podem ser de origem genética ou não. As doenças que mais atingem as pessoas dessa idade são a osteoporose, a doença de Alzheimer e as doenças cardiovasculares.

O Manual de Igreja apresenta as diversas atividades inerentes ao ofício do diaconato.

Cuidado dos enfermos e dos pobres. É da responsabilidade dos diáconos o cuidado dos enfermos e o socorro aos pobres e desafortunados. O dinheiro para essa obra deve ser provido pelo fundo de igreja para os necessitados. O tesoureiro, mediante a recomenda-





ção do Conselho de Igreja, entregará aos diáconos ou às diaconisas o dinheiro que for necessário para auxiliar os casos de necessidade. Este trabalho está especialmente a cargo dos diáconos e das diaconisas, mas a igreja tem que ser plenamente informada das necessidades, para que se obtenha o apoio dos membros.

Visitação dos membros. Uma responsabilidade importante dos diáconos é a visitação dos membros de igreja nos seus lares. Em muitas igrejas este trabalho é realizado fazendo-se uma distribuição dos membros por distrito e designando um diácono para cada um dos distritos, com o objetivo de que se visite cada lar, pelo menos, uma vez por trimestre.

Visitação aos membros regulares, aos membros afastados e aos ex-membros. Este é um trabalho que deve ser dirigido especificamente pelo pastor e/ou pela liderança da igreja (anciãos, diáconos e diaconisas). Ellen White, preocupada com a situação de muitos membros de Igreja, fez uma série de perguntas aos anciãos e aos diáconos. São elas: “Porque é que há muitas pessoas na nossa Igreja que não estão firmadas, arreigadas e fundadas na verdade? Porque é que encontramos na Igreja aqueles que andam nas trevas e que não possuem nenhuma luz, cujos testemunhos são pouco sinceros, frios e queixosos? Porque é que existem

pessoas cujos pés parecem prestes a desviar-se por veredas proibidas e têm sempre que contar uma história triste de tentação e derrota? Sentem os membros de Igreja a sua responsabilidade? Cuidaram os anciãos e os diáconos dos fracos e desviados? Compreenderam eles que os inconstantes estão em perigo de perder a alma? Procuraste, por preceito e exemplo, firmar na Rocha eterna os pés dos extraviados?” (*Conselhos sobre a Escola Sabatina*, p. 162).

Perante isto, fica evidente a necessidade do Ministério da Visitação para animar, orientar e resgatar todo aquele que se encontra em dificuldades na fé.

Objetivo da Visita aos Membros:

1. Conhecer melhor o membro.
2. Animar os desanimados.
3. Incentivar a assistência aos cultos.
4. Orientar as pessoas quanto à devolução dos dízimos e das ofertas.
5. Orientar e aconselhar os jovens.
6. Deter mexericos.
7. Desfazer inimizades.
8. Promover o estudo da Lição da Escola Sabatina e a leitura da Revista Adventista (supõe-se que o visitador seja um exemplo nesta área).
9. Incentivar o culto familiar e o testemunho (também aqui o visitador deve ser um exemplo).

Formação – Serviço de Capelania da UPASD

Disponibilizamos formação aos membros individuais, grupos com um mínimo de 12 pessoas ou às igrejas que estejam interessadas. Os interessados deverão enviar o seu pedido para: ministerial@adventistas.org.pt.

Módulo I – Duração de 5h

- O Ministério da Visitação.
- Comunicação e relacionamentos interpessoais.
- Capelania da terceira idade nas igrejas.
- Metodologia da assistência espiritual.
- Visitação a pessoas em crise.

Módulo II – Duração de 5h

- Fundamentos da assistência religiosa.
- A enfermidade na Bíblia e a cura divina.
- Como visitar pessoas enfermas (A rotina da visitação aos doentes, visita aos doentes terminais, estratégias de assistência espiritual a crianças hospitalizadas).
- A unção dos doentes.
- A Santa Ceia para os doentes.
- Principais temas de Bioética.

Módulo III – Duração de 5h

- A cura do sofrimento moral.
- Poder para mudar o passado.
- Como controlar as emoções.
- Saber perdoar.
- Como se relacionar com Deus. ✨

• Enoque Nunes

Secretário Ministerial da UPASD

Prevenção, Tratamento e Cura
Aprenda a lidar com a

Depressão

10

dias para melhorar a sua vida

18 a 27 de maio

Associação Portuguesa de Medicina Preventiva
Serra de S. Maria, 3230-055 Espinhal (Penela)

€450,00 em quarto duplo
€600,00 em quarto single
€200,00 para acompanhante



Inclui:
Alojamento
Alimentação
Acompanhamento
Consultas Médicas e Psicológicas
Tratamentos Naturais

Informações e Inscrição: giselapinheiro@medicinapreventiva.pt ou 93 556 18 15



associação portuguesa de
Medicina Preventiva



Associação
Internacional
de Temperança

O DOM do céu

Era Sábado. João estava tranquilamente sentado, sozinho na ilha de Patmos, para onde tinha sido enviado como punição por pregar o Evangelho e partilhar as boas-novas sobre Jesus Cristo. João sentia-se só, mas não estava desencorajado, pois agora tinha todo o tempo do mundo para orar e para adorar Deus.

Enquanto João contemplava a costa rochosa, subitamente uma voz sonora como uma trombeta chamou-o. “O que vês, escreve-o num livro e envia-o às sete igrejas” (Apocalipse 1:11).

João assustou-se. Ele não fazia ideia de Quem estava a falar com ele. Virou-se rapidamente para ver a origem da voz e viu sete castiçais de ouro. Mas o que realmente captou a sua atenção foi a Pessoa que ele viu entre os castiçais. Era um homem que vestia um longo robe branco cingido com um cinto de ouro no peito. Ele brilhava de modo ofuscante e a Sua voz era semelhante ao som de uma trovejante queda de água. *Este deve ser Jesus*, pensou o impressionado João.

Então Jesus, colocando a Sua mão sobre o ombro de João, falou-lhe. “Não temas”, disse Jesus. “Eu sou o Primeiro e o Último. Eu sou o que vivo. Eu estive morto, mas agora estou vivo para todo o sempre!” (Apocalipse 1:17 e 18).

Jesus disse a João muitas coisas acerca do povo de Deus e acerca do que viveria a Igreja Cristã ao longo dos séculos. Como se estivesse a ver imagens num ecrã gigante, João observou espantado enquanto Jesus lhe mostrava os emocionantes acontecimentos que, um dia, se tornariam realidade.

Algumas das coisas que João viu eram para ele difíceis de entender, mas houve uma cena que João não teve dificuldade em perceber. Era uma gloriosa visão do Novo Céu e da Nova Terra – o magnífico lugar que Deus preparou para ser o lar dos Seus filhos. “Eu vi a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido” (Apocalipse 21:2).

Enquanto admirava esta maravilhosa cidade, que brilhava como cristal sob o sol resplandecente, João ouviu uma voz dizendo que Deus iria, a partir de agora, viver com o Seu povo. Ele iria limpar-lhe as lágrimas. Não haveria mais tristeza ou dor ou morte. Ele iria fazer tudo novo.

João observou admirado, à medida que esta cidade fabulosa descia e se estabelecia exatamente no local em que se situara Jerusalém, antes de Deus ter purificado a Terra e a ter renovado. A visão era de tal modo emocionante que João dificilmente

conseguiu encontrar as palavras certas para a descrever. A cidade era mais bela do que qualquer outra coisa que ele já tivesse visto. João descreveu-a da seguinte forma: “A cidade dourada forma um quadrado perfeito, com três portões de cada lado, feitos de pérola. Ao redor da cidade há uma muralha feita de pedras preciosas, belas, brilhantes e reluzentes. As ruas são feitas de ouro puro, mas, ao mesmo tempo, são transparentes! A presença de Deus e de Jesus torna a cidade tão brilhante que ela não necessita do Sol ou da Lua. E nesta cidade as portas nunca têm de estar trancadas porque não há aí noite, nem ladrões. Apenas os que têm os seus nomes inscritos no Livro da Vida podem viver nesta cidade. Eu também vi um rio – o rio da vida – que era claro como cristal, manando do trono de Deus e atravessando a cidade. E, no meio da cidade, de ambos os lados do rio, estava a Árvore da Vida, dando o seu fruto doze vezes por ano.”

Mas a melhor notícia que João ouviu nesse dia é que Jesus está prestes a voltar. “Eis que Eu cedo venho”, disse Jesus. “Venho muito mais cedo do que vós pensais.”

Quando Jesus voltar, Ele quer levar-te a ti e a mim para o Céu, para vivermos com Ele para sempre. Estás tu a planear aceitar o dom da vida eterna?

colportagem jovem

29 de junho a 31 de julho

Integrar 1 equipa
 dinâmica

Crescer na fé

 Financiar
os estudos

Servir a
comunidade

Aceita o desafio!

21 962 62 22

DEPARTAMENTO
DOS MINISTÉRIOS
DAS PUBLICAÇÕES



publicacoes@adventistas.org.pt